

PARA TODOS OS
CAMINHOS DO LIVRO



ISBN nº 978-65-990477-3-2

Obra: DOSSIÊ: TESSITURAS PIBID/IANAS EM DIÁLOGO COM A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES.

Formato da obra: E-Book

Extensão da Obra: .PDF

Edição: Editora FMP- Faculdade Municipal de Palhoça


Ano: 2020

Cidade: Palhoça-SC



WWW.CBL.ORG.BR

Câmara Brasileira do Livro
Rua Cristiano Viana, 91-Pinheiros -São Paulo – SP -CEP: 05411-000
+55 (11) 3069-1300 cbl@cbl.org.br



DOSSIÊ:
TESSITURAS
PIBID/IANAS

EM DIÁLOGO
COM A

FORMAÇÃO INICIAL
DE PROFESSORAS

Juliane Di Paula Queiroz Odinio
Ivanir Maciel
Débora Ouriques
(org.)

**Juliane Di Paula Queiroz Odino,
Ivanir Maciel,
Débora Ouriques (org.)**

**DOSSIÊ: TESSITURAS
PIBID/IANAS EM
DIÁLOGO COM
FORMAÇÃO INICIAL DE
PROFESSORAS**

2020

Diagramação e editoração: Grégori Michel Czizeweski

Revisão: Débora Ouriques

Capa: Susana Vieira

D7243 Dossiê: tessituras PIBID/IANAS em diálogo com a formação inicial de professores/ Juliane Di Paula Queiroz Odino, Ivanir Maciel, Débora Ouriques, organizadoras. – 1.ed. - Palhoça: Editora da FMP, 2020. 96p.

Vários autores

Inclui bibliografia

ISBN:

1. Professores – Formação profissional. 2 . Ensino. 3. Sala de aula. 4. Pedagogia. I. Odino, Juliane Di Paula Queiroz. II. Maciel, Ivanir. III. Ouriques, Debora.

CDD:370

Editora da FMP
Faculdade Municipal da Palhoça - SC

2020

SUMÁRIO

1. TESSITURAS E PARCERIAS: O PIBID/CAPES/FMP E AS ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE PALHOÇA - Juliane Di Paula Queiroz Odinino e Ivanir Maciel

2. O QUEBRA-CABEÇA DA SALA DE AULA - Andrea Serafim Wehmuth

3. O PIBID DO LADO DE CÁ: O OLHAR DAS SUPERVISORAS - Andrea Serafim Wehmuth, Eliane de Souza, Fabiana Silveira Alexandre Svaldi, Marlize Carlos

4. O PIBID NO CLAUDETE: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DAS ESTUDANTES BOLSISTAS DE PEDAGOGIA DA FMP

4.1 SOBRE A CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA EM RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO PIBID - Cassandra de Oliveira Machado

4.2 A ALEGRIA DE VER-SE AUTOR - Anna Paula Dutra, Maria Helena C. G. Barbosa

4.3 AÇÕES PARA A FORMAÇÃO POLÍTICA EM SALA DE AULA - Kelly Mendes de Moura, Thuanny Soares Dutra

4.4 DESAFIOS DA SALA DE AULA: CINEMA, REALIDADE E MEDIAÇÃO - Silvia Assis Almeida, Suelen Provin Machado

5. O PIBID NO FREI DAMIÃO: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DAS ESTUDANTES BOLSISTAS DE PEDAGOGIA DA FMP

5.1 A ESCOLA NUM CONTEXTO DE VULNERABILIDADE SOCIAL - Liz Patrícia Ribeiro de Almeida

5.2 AS BRINCADEIRAS NAS SÉRIES INICIAIS - Francielly Pinheiro, Jéssica Ramos

5.3 CONTRIBUIÇÃO DO PIBID PARA A DESCOBERTA, VALORIZAÇÃO E SENSIBILIZAÇÃO PARA A INFÂNCIA - Daniela Scarabelot Lodi,, Francieli Ferreira Rodrigues Jacques

5.4 PIBID NO FREI DAMIÃO: OS DESAFIOS DA VIVÊNCIA EM DOCÊNCIA - Adriely de Arruda Souza

6. O PIBID NO “TEREZINHA”: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DAS ESTUDANTES BOLSISTAS DE PEDAGOGIA DA FMP

6.1 CAMINHANDO NA VIVÊNCIA DO PERCURSO ESCOLAR ONTEM COMO ALUNA E HOJE COMO “PIBIDIANA” - Rafaela Steinbach

6.2 A APROXIMAÇÃO COM AS CRIANÇAS: ENTRE TROCAS, AFETOS E IMAGINAÇÃO - Tainara Pertille dos Santos

6.3 A LIBERDADE QUE A LITERATURA NOS PROPORCIONA - Yohana Guedes Soares

7. SOBRE O PROCESSO DE ESCRITA – Débora Regina Ouriques

1. TESSITURAS E PARCERIAS: O PIBID/CAPES/FMP E AS ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE PALHOÇA - SC

Juliane Di Paula Queiroz Odinino¹

Ivanir Maciel²

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID é uma ação da Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação (MEC), que visa proporcionar aos discentes uma aproximação prática com o cotidiano das escolas públicas. O Programa concede bolsas para participantes de projetos de iniciação à docência, desenvolvidos por instituições de educação superior (IES) em parceria com as redes de ensino.

A parceria com a Faculdade Municipal de Palhoça³ se deu por meio de submissão ao edital, no qual tivemos a rica oportunidade de sermos contemplados em 2018. Assim, no período que compreendeu entre agosto de 2018 à março de 2020, o Curso de Pedagogia contou com 24 bolsas de estudos para seus discentes. Como escolas públicas parceiras de Ensino Fundamental - anos iniciais, tivemos o Grupo Escolar Terezinha E. Martins, a Escola Básica Frei Damião e a Escola Claudete Maria Domingos. As duas primeiras são municipais e a última estadual. Cabe dizer que o apoio da Secretaria de Educação de Palhoça - SC foi imprescindível, pois otimizou a gestão das professoras supervisoras para que essas

1 Coordenadora Institucional do PIBID/Capes/FMP. Professora na Faculdade Municipal de Palhoça/SC. Contato: juliane.odinino@fmpsc.edu.br

2 Coordenadora de Área do PIBID/Capes/FMP. Professora na Faculdade Municipal de Palhoça/SC. Contato: ivanir.maciel@fmpsc.edu.br

3 A Faculdade Municipal de Palhoça é uma instituição de ensino superior inteiramente gratuita, mantida pela Prefeitura Municipal de Palhoça/SC. Atualmente, oferece os cursos de Pedagogia, Administração, Gestão em Turismo e Análise de Sistemas.

pudessem participar do cronograma de atividades estipulado pelo Programa.

O projeto submetido ao PIBID optou por se orientar pelo eixo temático Diversidade e Inclusão. Para sua concretização foram realizados planejamentos, confecção de relatórios e artigos, formação docente, entre outros. As bolsistas foram encorajadas a participarem de eventos e compartilharem suas pesquisas, análises e observações nos mais diferentes espaços no seu período de realização. Cabe salientar que o objetivo geral do Projeto Institucional foi constituir um espaço educativo intercultural e inclusivo entre IES e comunidade escolar. Como desdobramento, os objetivos específicos partiram de uma perspectiva de docência compartilhada com atenção às especificidades locais, conforme se segue: a) Articular os múltiplos saberes que compõem o cotidiano escolar com as políticas educacionais vigentes; b) Consolidar a identidade docente com base nos princípios da equidade, da valorização da diversidade cultural e do combate a toda forma de discriminação e violência; c) Desenvolver uma práxis docente em interlocução com as crianças, a comunidade, as famílias, a equipe pedagógica e as/os bolsistas, articulada aos saberes locais; d) Propiciar práticas calcadas na efetiva participação família-comunidade-escola, por meio de compartilhamento de saberes e de socialização de experiências; e) Promover ações voltadas ao exercício da cidadania, à defesa dos direitos humanos e à promoção da inclusão.

O Projeto do Curso de Pedagogia - PCC da Faculdade Municipal de Palhoça tem buscado se alinhar a uma docência compartilhada e o desenvolvimento de uma práxis pedagógica que promova o reconhecimento dos múltiplos saberes, com atenção às peculiaridades de cada contexto. Tais ações estão pautadas na interlocução entre culturas populares, questões étnico-raciais, relações de gênero, infância, inclusão de pessoas com deficiência, entre outras; sempre de forma articulada aos documentos oficiais.

As estratégias de incorporação das ações do PIBID se deu por meio da aproximação junto às unidades curriculares teórico-práticas e aos grupos de estudos da referida instituição, tais como NEABI - Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro e Indígena, CRIAS - Grupo de Estudo Relações Infantis, Arte e Sociedade, GEMPA - Gênero e Empoderamento da Mulher de Palhoça, Semear Ideias - Grupo de Estudo de Práticas de Sustentabilidade e CRIAS - Criação, Relações Infantis, Arte e Sociedade, com ênfase no Grupo de Estudos em Literatura Infantil e a Constituição de Leitores. A ênfase pautou-se na perspectiva da formação do professor-pesquisador, além da vinculação de tais experiências aos documentos da instituição atenta à formação crítica e transformadora.

A seleção de bolsistas discentes foi realizada pela própria faculdade, a partir do lançamento de edital como preconiza o programa. Na ocasião, uma banca designada por três professores/as avaliou os/as candidatos/as por meio de uma carta de intenções, com atenção aos critérios que atendessem aos objetivos do projeto e pela análise do histórico escolar, com base em seu rendimento. A seleção dos/as professores/as supervisores/as das escolas parceiras também se deu por edital voltado às instituições parceiras, cujo critério foi a avaliação das cartas de intenções e análise dos currículos dos/as candidatos/as interessados/as⁴. Em outubro de 2019, quando este material começou a ser produzido, contávamos com 23 bolsistas de um total de 28 bolsas e os valores financeiros variavam de 400 a 1500 reais.

O projeto iniciou com a participação de 24 bolsistas e 6 discentes voluntários, todos acadêmicos do curso de Pedagogia da Faculdade Municipal de Palhoça- SC. Todos contavam com um tempo de dedicação de oito horas semanais, em turmas do Ensino

4 Infelizmente desde 2019, novas bolsas deixaram de ser disponibilizadas devido a uma política vigente neste período denominada de “contenção de gastos”. Desde então, os bolsistas que em sua grande maioria que deixaram de participar do programa por questões particulares em sua maioria não puderam ser substituídos.

Fundamental em Anos Iniciais, integrando grupos de estudos na faculdade, realização de iniciação à docência nas escolas básicas, dialogando com as unidades curriculares, em conformidade com os objetivos institucionais. Foram constituídos três grupos, um para cada escola, acompanhados por bolsistas de supervisão de cada instituição. As observações nas escolas foram organizadas por duplas e trios, a fim de que pudessem trocar experiências, olhares e inquietações. Como supracitado, algumas bolsistas por motivos particulares não deram continuidade a participação no Programa, motivo que ocasionou o trabalho individual de algumas duplas. Porém, um aspecto a ser ressaltado é que sempre foi primada a experiência pela partilha. Esta obra traz as experiências vivenciadas por algumas delas, no período de 2018.2 quando iniciou o projeto até 2019.1.

A dedicação de oito horas semanais ficou acordada da seguinte forma: um período de quatro horas dedicado à participação da rotina das instituições, preferencialmente em sala de aula; duas horas dedicadas à participação nos grupos de estudos oferecidos pela faculdade, nos horários da pré-aula, voltados para qualificar o olhar para o ensino e pesquisa e duas horas de encontros semanais presenciais para planejamento, formação e compartilhamento das vivências. Esses encontros do grupo aconteceram na FMP; ressaltando que muitas vezes realizamos formação dentro da área da diversidade e inclusão com professores especialistas convidados da área. Tendo em vista a necessidade de promoção de discussão e debates, a partir da reorganização curricular decorrente da Base Nacional Comum Curricular e da implementação do Ensino de Nove Anos, o presente projeto buscou focar na reflexão sobre a diversidade cultural, a promoção dos direitos humanos e de práticas de inclusão, com vistas à valorização da infância nesta etapa de ensino. A seguir, detalhar-se-á o passo a passo do Programa neste período.

Primeiramente, a coordenadora de área, junto às supervisoras

escolares, buscaram levantar as principais inquietações e desafios das turmas dos anos iniciais das unidades escolares, no que concerne à temática do projeto, pelo modo como estas questões interferem nos processos de ensino e aprendizagem.

Foi elaborado um plano de trabalho semestral, sendo que na primeira etapa (2018/2), seu principal objetivo foi o de observar/período de conhecer e mapear estas realidades, levando em conta as especificidades de seu entorno, compreendidas como possibilidade de estreitar a comunicação e instaurar uma perspectiva da escola como espaço de encontro e reflexão sobre a educação das crianças dos primeiros anos do Ensino Fundamental. Nesta etapa também foi desenvolvida, a partir da compreensão acerca da democratização da gestão, a importância das relações dentro da escola e da IES, entre escola e comunidade, bem como entre escola e secretarias de educação.

Também foram realizados grupos de leitura e orientação para a escrita do relatório e demais artigos; formação essa encabeçada pela coordenadora de área, supervisoras e demais pesquisadores/as convidados/as a debater a temática da diversidade e inclusão, em suas interseccionalidades. Neste ponto também foi esmiuçado o plano de trabalho de cada dupla, com uma previsão das atividades a serem realizadas em cada escola.

Durante a realização do Programa nas escolas houve encontros coletivos mensais na IES, ocorridos entre os grupos na última semana do mês e quinzenalmente com a presença da coordenação de área, com reuniões nas escolas para trocas e partilhas das atividades, para verificação de possíveis reajustes a serem realizados. Os grupos de estudos participaram ativamente nas discussões temáticas relacionadas à diversidade, que igualmente foram ampliadas a toda rede municipal e estadual, na modalidade de formação.

Foram produzidos registros escritos, audiovisuais, coleta de dados, intervenções pedagógicas etc. Ao final de cada semestre, cada

um dos sujeitos envolvidos produziu um relatório das atividades desempenhadas, com o intuito de divulgar o material mais sistematizado para ser socializado e publicado nos diferentes meios, como eventos da área, publicação de livros e artigos, produção de material audiovisual entre outros. Trocas de experiências e avaliação semestral, por meio de seminários de socialização realizados na IES, aberto ao público, também ocorreram.

Dado ao exposto, a presente obra reúne os relatos de experiências das supervisoras e discentes bolsistas, a partir de seus olhares. O processo de produção de escrita envolveu toda a equipe, que participou ativamente e contribuiu mutuamente. Buscou-se priorizar aspectos que tenham impactado suas vivências nas respectivas escolas. Por este motivo, cada relato apresenta marcas e sensibilidades pessoais. Mais do que enfatizar o academicismo, tendo em vista que tratam-se de produções de acadêmicos/as de Pedagogia, ainda em curso, foi enfatizada a importância de se revelarem por aquilo que o PIBID mais lhes havia impactado, a partir do emaranhado de sensações, objetivos e desafios aí colocados. Pudemos contar com o apoio da Professora Débora Ouriques, que encerra o dossiê compartilhando sua experiência conosco, a partir de uma proposta de formação que buscou instigar esta tessitura em forma de escrita.

Nesta tessitura fazemos uma analogia com a obra *A moça tecelã* de Marina Colasanti, cuja narrativa apresenta uma história de amor, sonho e desencanto tecida por fios multicores, porém na iminência para recomeçar a cada novo amanhecer, a cada nova reflexão, advinda da experiência vivida enquanto um possível porvir.

Acordava ainda no escuro como se ouvisse o Sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear. Linha clara, para começar o dia. Delicado traço de cor e luz, que ia passando entre fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte. (COLASANTI, 2004, s/p)

A partir da leitura e reflexão proporcionada por este conto as profissionais das instituições parceiras e bolsistas sentiram-se inspiradas a superar os desafios vividos e produzir relatos de experiências; lançaram linhas retas e/ou curvas impressas na tessitura cotidiana da práxis docente, considerando os sujeitos ali inseridos enquanto produto e produtor de cultura.

O presente dossiê está organizado da seguinte forma: Inicia com o capítulo “O PIBID do lado de cá: o olhar das supervisoras”, relatando o olhar das supervisoras sobre o Programa. Os capítulos seguintes adentram o cotidiano das escolas, a partir dos relatos de experiências das bolsistas, contando com uma breve apresentação das escolas. Por fim, encerra entretecendo a experiência da escrita.

Esperamos que este material possa instigar e trazer um pouco do frescor das estudantes de Pedagogia, que se sentiram desafiadas, esperançosas e comprometidas na promoção de um espaço educativo atento à diversidade, sensível às falas das crianças, valorizador da diversidade e combatente de toda forma de discriminação. Como os/as leitores/as poderão notar há possíveis caminhos para isso, cuja imensidão é do tamanho da complexidade de nossa humanidade; afinal, a escola não seria este lugar privilegiado de constituição da humanização. Humanizar-se não é, senão, encontrar-se. Talvez o lugar mesmo de nossos encontros e encantos seja nas tessituras, sendo que produzimos e somos produzidas pela história como no tecer, no bordar, no fazer “bonito”, no retratar as nossas inteirezas. Ao nos constituirmos pesquisadoras, professoras formadoras e em formação, escolhemos os melhores fios para tecer os saberes na relação com o cotidiano acadêmico e histórico em busca de uma boniteza na prática pedagógica. No entanto, tal como a moça tecelã, um/a professor/a comprometido/a com o seu fazer docente percebe-se na incompletude das tramas tecidas em sua prática e poderá desfazer, destecer e recomeçar. Assim, “[...] Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência

vital. Onde há vida, há inacabamento. [...].” (FREIRE, 1996, p. 50). Portanto, constituir-se professor/a é compreender que “ensinar exige consciência do inacabamento” (IDEM).

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

COLASANTI, M. *A moça tecelã*. São Paulo: Global, 2004.

2. O QUEBRA-CABEÇA DA SALA DE AULA

Andrea Serafim Wehmuth⁵

Hoje, estou aqui
em um espaço com quatro paredes
onde cada lado
me coloca algumas interrogações...

Nesse espaço
vai se constituindo um ambiente
com várias surpresas
ora agradáveis, ora confusas,
ora delicadas,
e às vezes até embaraçosas.

É assim a sala de aula,
um ambiente surpreendente;
onde permeiam as relações
entre professor e aluno,
aluno entre aluno.

Relações nas quais se estabelecem vínculos
de atenção, carinho, amizade,
tendo seus momentos de enraivar, embravecer...

⁵ Professora supervisora PIBID/Capes/FMP na Escola Frei Damião. Contato:
dea.serafim1@gmail.com

Pois nesse espaço
vivenciam-se as relações com o outro,
muitas vezes de afeto;
às vezes de conflitos;
momentos de aprendizagem
que se leva para vida...

Aprendizagem
que se debruça neste ambiente,
o qual é constituído pelos aportes
do professor e dos alunos,
um processo de troca,
de envolvimento direcionado,
na busca pelo desenvolvimento do outro.

Desenvolvimento tão importante para a vida,
no qual o professor é uma das peças chaves,
é como um maestro,
com o poder de encantar ou não seus pupilos.

O encantamento dos alunos
perpassa pela interação
que o professor estabelece com eles
nesse ambiente, através do respeito dele
com os alunos, compreendendo seus momentos,
estimulando-os para as vivências do dia a dia
da sala de aula.

Estas vivências
são oportunizadas por situações
do cotidiano da sala:
os diálogos,
os movimentos corporais,

os conflitos,
as emoções e as dúvidas
transformam cada detalhe deste ambiente
num processo de aprendizado.

Assim é a sala de aula:
um espaço iluminado pelas diferenças,
constituindo-se em laços e abraços,
construção e troca de saberes,
rumo a um futuro desconhecido;
porém, cheio de descobertas e realizações.

3. O PIBID DO LADO DE CÁ: O OLHAR DAS SUPERVISORAS

Andrea Serafim Wehmuth⁶

Eliane de Souza⁷

Fabiana Silveira Alexandre Svaldi⁸

Marlize Carlos⁹

O PIBID envolve todo um conjunto de profissionais da educação que são afetados e contribuem para dar vida e corpo às experiências do Programa. Além das crianças e das professoras regentes, o papel das supervisoras é central para o bom andamento do programa. Os desafios em conciliar diferentes supervisoras, com objetivos, propósitos e visões de mundo distintos consiste numa tarefa que exige muita sensibilidade, “jogo de cintura”, envolvimento e comprometimento. São elas, em suas respectivas instituições, que mediam, instigam, dialogam, acompanham e instruem as bolsistas no emblemático, desafiador e, ao mesmo tempo, prazeroso cotidiano da escola. São um dos elos mais importantes para a garantia de uma maior aproximação e diálogo entre as diferentes realidades envolvidas neste projeto.

A seguir, serão apresentados os relatos das supervisoras sobre a experiência do Programa em suas respectivas instituições. Elas,

6 Professora supervisora PIBID/Capes/FMP na Escola Frei Damião. Contato: dea.serafim1@gmail.com

7 Professora supervisora PIBID/Capes/FMP no Grupo Escolar Terezinha Maria E. Martins. Contato: elianehsouza27@gmail.com

8 Professora supervisora PIBID/Capes/FMP na Escola Claudete Terezinha Hoffman Domingos. Contato: fabianasvaldi@gmail.com

9 Professora supervisora PIBID/Capes/FMP na Escola Claudete Terezinha Hoffman Domingos. Contato: marlizekarlos@hotmail.com

nós, são/somos peças fundamentais para o bom andamento do mesmo. O que permite compreender, a partir de suas perspectivas, a faceta mais concreta e cotidiana da atuação de sua atuação, como uma via de mão dupla, pela qual todos e todas saem afetados e enriquecidos. Os relatos apresentam as características e as subjetividades de cada uma. Optamos pela construção mais livre e autoral, no sentido de destacar a experiência naquilo de mais precioso que ela porta: a unicidade da beleza do encontro. Cada subcapítulo, a seguir, foi escrito pelas supervisoras responsáveis por cada instituição, individualmente. O primeiro, pelas supervisoras Marlize e Fabiana; o segundo, pela supervisora Andrea e, finalmente, o terceiro, pela supervisora Eliane.

EEB. Prof.^a Claudete Maria Hoffmann Domingos: A Vivência Real do Cotidiano Escolar

O desenvolvimento do PIBID na EEB. Prof.^a Claudete Maria Hoffmann Domingos proporcionou às bolsistas do Programa de Iniciação a Docência do Curso de Pedagogia da Faculdade Municipal de Palhoça- FMP, além da formação, a participação em experiências metodológicas. Uniu-se teoria e prática docentes, visando a superação de problemas identificados no cotidiano escolar. Permitiu-lhes a oportunidade de observar, investigar e vivenciar diversas práticas pedagógicas e situações do cotidiano de uma escola. Essas experiências e experimentos possibilitaram às bolsistas momentos de aprendizagem e reflexões acerca da área de formação.

Outro fator importante foi o planejamento realizado sob a orientação das supervisoras, juntamente com as professoras das salas, nas quais as bolsistas estavam inseridas. Pudemos intervir e sugerir metodologias diferenciadas para trabalhar com os alunos. O resultado desse planejamento culminou com os registros diários e

relatórios.

Percebemos o desenvolvimento de cada aluna no decorrer da trajetória de suas participações como bolsistas em nossa escola. No início deste processo demonstraram medos, dúvidas e inseguranças, mas traziam consigo determinação e coragem. Aos poucos tornaram-se parte da sala de aula onde estavam inseridas. Esta ligação com a escola, principalmente com a classe, proporcionou-lhes maior confiança, para que desenvolvessem a criticidade, a participação, bons projetos, com temas interessantes e importantes para suas formações..

Observamos que o programa beneficiou as bolsistas, pois essas demonstraram no cotidiano mais segurança. No último estágio, conseguiram fazer uma leitura acerca de suas práticas pedagógicas, conscientizando-se de que é necessário um intervir com responsabilidade na aprendizagem dessas crianças. Compreendem, de fato, o direito ao conhecimento científico, os desafios da promoção de escola inclusiva e diversificada no contexto de uma concepção ampla de letramento.

Acreditamos que o PIBID é um programa de relevante importância para a formação docente, bem como para a instituição escolar que recebe as bolsistas, já que possibilita trocas de experiências e enriquece o processo de formação dos acadêmicos por meio da vivência dentro da unidade escolar.

Escola de Educação Básica Frei Damião: A Gestão da Aprendizagem

Nos dias atuais perpetua-se uma preocupação com a aprendizagem no intuito de que os alunos consigam desenvolver suas competências e habilidades. Mas para que isto se concretize, busca-se inúmeras formas de práticas pedagógicas. Faz-se necessário

salientar que é na sala de aula onde acontece a maior parte do desenvolvimento do processo de aprendizagem.

Assim, a gestão de sala de aula é um dos elementos fundamentais no processo ensino-aprendizagem, sendo que a sala de aula é um dos ambientes onde se desenvolve este processo.

Neste sentido, venho ressaltar a importância do desenvolvimento do projeto PIBID na Escola Básica Frei Damião e como este contribuiu de forma significativa para o desenvolvimento do processo ensino aprendizagem das crianças, das atividades desenvolvidas na escola e no processo de formação dos acadêmicos de Pedagogia.

A escola está inserida em um bairro onde há um dos mais baixos IDHs do Estado de Santa Catarina. A maioria das famílias desta comunidade está em situação de vulnerabilidade social. Suas rendas familiares são oriundas da coleta de lixo, no trabalho com a reciclagem.

A inserção dos acadêmicos em nosso cotidiano escolar proporcionou aos mesmos a vivência de um processo de ensino-aprendizagem. Esse, começa em sala de aula entre professor e aluno, nas práticas do dia a dia, nas relações que ambos estão envolvidos em todo o espaço escolar, ampliando seus olhares para além da sala de aula.

Assim, os acadêmicos vivenciam possibilidades de práticas pedagógicas, através da observação, das trocas de informações sobre os alunos com os professores regentes e na elaboração de planejamentos em conjunto com os professores.

Desta forma, faz-se necessário destacar a importância dos acadêmicos do PIBID como mediadores e articuladores neste processo, no qual eles mesmos participam, envolvem-se de forma comprometida com o cotidiano de nossa escola e se sensibilizam sobre os reais problemas do cotidiano escolar.

Grupo Escolar Terezinha Maria Espíndola Martins: O Mundo Também Fala, Professora? Será que a Gente Não Sabe Escutar?

Não sei dizer qual seria minha relação com a escola... muitas memórias estão dando voltas , estranho isso... Estou revivendo momentos da minha infância. Essas lembranças eu tenho do livro Monteiro Lobato¹⁰, em que Emília vivia com a cabeça entupida de reis, príncipes e fadas... Eu, sabida como a boneca de pano, amo loucamente livros. Essa paixão lembrava os bolinhos de sonhos que vovó fazia. Como era gostoso comer esses sonhos com formatos de letras, sonhos com cheiro de amor... Posso dizer que essa é minha relação amorosa com o mundo da literatura. Hoje, cá estou eu! Sentada, olhando para a Professora Coordenadora do PIBID , lendo a história *A moça tecelã*, entremeando lãs e cores, transportando a realidade de seus sonhos para os tapetes. Uma história de entrega e amor, de desencanto e recomeço.

Essa lembrança chega com um gosto de tristeza, melancolia e dor, pois o acesso aos livros na infância era complicado em alguns momentos, quase impossível. Imaginem em 1982, uma menina desastrada, teimosa às vezes, só às vezes... Eu queria ficar com quase todos os livros para ler, mas era algo proibido. A escola estava situada na zona rural do município de Paulo Lopes. Esse acesso aos livros era responsabilidade da Professora da sala. O acervo minúsculo, com uns dez livros. A viagem agora foi longa, a lembrança dos bolinhos da vovó, os livros com cheiro de amor, meus olhos estavam marejados com a história. Até perdi a noção do tempo... Estou sentada em uma sala, na Faculdade Municipal de Palhoça. Esqueci de contar a vocês que meu amor pelos livros, ou seja, a minha relação foi intensa com a escola. Sou pedagoga, leciono nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Atualmente, sou

10 LOBATO, Monteiro. *A História de Emília*. São Paulo: Globo Livros, 2013.

Gestora do Grupo Escolar Terezinha Maria Espíndola, localizado no bairro Rio Grande, no município de Palhoça/SC, desenvolvendo a função de supervisora do PIBID, acompanhado as bolsistas, orientando e provocando nelas a reflexão sobre a prática educativa . É... cá estamos hoje, na apresentação das alunas do curso de Pedagogia, como supervisoras das escolas. É dia do calendário de encontros; enfim, dia da organização dos estudos e observações, e posso perceber nos olhares algo estranho e engraçado, que me faz lembrar um poema de Drummond ... “ que não sabia que minha história era tão bonita”, chega a ser parecida com os bolinhos de sonhos, como vovó chamava-os carinhosamente. Posso afirmar que eles eram feitos com um amor sem fim, gosto maravilhoso da inocência da infância... Era isso que o rosto de cada bolsista demonstrava.

Queria loucamente gritar a todas: fiquem calmas! Vocês serão amadas e seduzidas pelo encantamento! O processo de alfabetização é mágico e fascinante. Tive que conter meus impulsos de menina, que hoje não poderia aflorar desse jeito. Chegou minha vez de falar, olhei atentamente para meu grupo de alunas bolsistas, reconheci duas ex-alunas queridas! Percebi a felicidade nos seus olhares! Rafaela, em especial, foi minha aluna no 5º Ano , minhas histórias fascinaram-na, eu acredito. Relembrando um livro que adorava ler com meus alunos: *Nicolau¹¹ tinha uma ideia*, o personagem revive a todo momento que: "De que vale uma ideia?" É pergunta repetida. Pouco, se ela vive numa cabeça escondida. Mas quando alguém decide uma ideia compartilhar, ninguém poderá dizer aonde ela irá chegar. As minhas ideias foram aceitas por ela e proporcionaram-lhe uma construção de várias outras ... Era muito orgulho! Hoje estava ali, estudando, pesquisando e desafiando-se na alfabetização. Essa garota iria experimentar o retorno à instituição, onde cursou o Ensino Fundamental. Agora, como pesquisadora e

11 ROCHA, Ruth. Nicolau Tinha uma ideia.

aluna do curso de Pedagogia. Minha responsabilidade era algo que estava provocando voltas no estômago, porque a partir daquele dia, a escalada da montanha e a vista que elas conseguiram enxergar, em parte, foi minha responsabilidade! Mas juntas iríamos superar e vencer os desafios, angústias... rumo a caminhada das produções acadêmicas... Não sabiam elas que eu era a pessoa mais sortuda desse mundo, por fazer parte dessa pesquisa, provocando inquietações acadêmicas.

A viagem foi longa até agora. Quando acordei dos meus sonhos, observei uma apresentação da bolsista Valéria. Era uma mistura de sentimentos, expressões interessantes... Ela está igual ao menino da história: “Tenho monstros na barriga!” Marcelo, o personagem da história, não consegue identificar seus sentimentos. E assim estava ela... com uma mistura de sentimentos! Acredito que consigo identificar o monstrinho que ela tem na barriga. É a “Felicidade”. Lindo de perceber. Agora era eu quem estava com uns três monstrinhos dos sentimentos misturados. Quando Raquel iniciou sua fala, o monstrinho do Amor saltava no seu peito visivelmente.... Foi interessante quando Tainara olhou-me. Fiquei preocupada, não consegui identificar seu monstrinho. Era uma mistura de alegria, medo... Senti uma vontade louca de correr, de abraçá-la forte! Agora era visível quando Yohana iniciou sua fala... Era o monstrinho do medo... Ai! por que será que ela não estava feliz? Fiquei preocupada. Como assim? Esse medo era de mim? Agora quem estava com vários monstrinhos dando volta na barriga era eu. Vera levantou-se com um orgulho, que foi fácil identificar seu monstrinho. Felicidade por ela ter retornado aos estudos depois de um longo tempo, juro que nessa hora chorei de emoção! Estava feliz em poder fazer parte daquele momento lindo. Depois da emoção foi a vez da Keyla - Menina engraçada! Estava ansiosa e era quase impossível identificar seu monstrinho do sentimento. Dava a impressão que eram vários. Medo ...Felicidade... Amor... a barriga dela estava uma confusão de monstrinhos... Quando Rafaela falou

em sua expressão refletia muita felicidade... essa foi fácil de identificar...

Não sei explicar quem estava mais ansiosa naquele momento, mas uma coisa interessante observei: elas estavam dispostas a desafiar-se nesse espaço que a educação iria proporcionar a elas. Foi quando uma delas sussurrou: “O Mundo também fala professora? Será que a gente não sabe escutar!”. Falei a ela: “Podemos tentar escutar juntas!” Revivi um poema de José Saramago: “Do novelo emaranhado da memória, da escuridão dos nós cegos, puxo um fio que me aparece solto. Devagar o liberto, de medo que se desfaça entre os dedos. É um fio longo, verde e azul, com cheiro de limos, e tem a macieza quente do lodo vivo. É um rio. Corre-me nas mãos, agora molhadas. Toda a água me passa entre as palmas abertas, e de repente não sei se as águas nascem de mim, ou para mim fluem. Continuo a puxar, não já memória apenas, mas o próprio corpo do rio. Sobre a minha pele navegam barcos, e sou também os barcos e o céu que os cobre e os altos choupos que vagarosamente deslizam sobre a película luminosa dos olhos. Nadam-me peixes no sangue e oscilam entre duas águas como os apelos imprecisos da memória. Sinto a força dos braços e a vara que os prolonga. Ao fundo do rio e de mim, desce como um lento e firme pulsar do coração”.

4. O PIBID NO CLAUDETE: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DAS ESTUDANTES BOLSISTAS DE PEDAGOGIA DA FMP

“Claudete”. É assim que carinhosamente se chama a escola, o lugar onde as acadêmicas da Faculdade Municipal de Palhoça puderam ter suas experiências como bolsistas do PIBIB. Em seus relatos, a constatação do apoio das supervisoras, das professoras regentes e, sobretudo, suas vivências.

Localizada no bairro da Ponte do Imaruim, a escola EEB. Prof^a Claudete Maria Hoffmann atende alunos do Ensino Fundamental (1º à 9º Ano), possui vinte e duas turmas no período vespertino e matutino, sendo frequentado por seiscentos e cinquenta e seis educando

A Instituição atende alunos de classe média. A maioria dos pais e/ou responsáveis por eles trabalham e têm uma estabilidade financeira. Raros são os alunos que recebem auxílio para a subsistência básica.. O espaço físico da escola compreende uma área total de 6.292,47m², com uma área construída de 1.300,03m². Contém doze salas, todas amplas, equipadas com quadro negro, carteiras, cadeiras e armários. A biblioteca da escola funciona e atende a necessidade escolar, porém ainda está passando por um processo de organização. A sala de laboratório tem computadores acessíveis para portadores de deficiência, porém não são usados pelas crianças. O refeitório é um espaço amplo, mas para melhor acessibilidade o recreio é dividido por turmas. A escola possui quadra, parque, assim como um solário amplo com jogos desenhados no chão, contudo estes já estão se apagando. Os banheiros são dois: um para os meninos e outro para as meninas, ambos são acessíveis para portadores de deficiência.

Após essa apresentação mais concreta deste espaço, adentrem nas riquezas das experiências e desafios vivenciados por nós, estudantes de pedagogia, no desafio do cotidiano dos Anos Iniciais.

4.1 SOBRE A CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA EM RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO PIBID

Cassandra de Oliveira Machado¹²

O presente relato aborda o cotidiano escolar, o planejamento e a prática docente, por meio de nossa experiência sobre a docência e a participação dos alunos de uma escola pública, em um município da Grande Florianópolis, em 2018/2019, no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência- PIBID, pela Faculdade Municipal de Palhoça - FMP.

As atividades do PIBID aconteceram na Escola Estadual Claudete Hoffmann Domingos e foram organizadas em dois momentos: a) observação, inserção na escola; b) de agosto de 2018 a fevereiro de 2019 experienciamos a observação, o planejamento e o exercício da prática em projetos pedagógicos em uma turma de 4º ano, dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. O planejamento dos projetos, a execução e a reflexão coletiva foram em conjunto com os profissionais das instituições envolvidas. O eixo norteador do projeto institucional da FMP é *Diversidade e Inclusão*, cujo objetivo é “constituir um espaço educativo intercultural e inclusivo entre IES e comunidade escolar” (ODININO, 2018, p. 1). O indicador escolhido pelo grupo para nortear o desenvolvimento dos projetos na escola foi “Relação família - escola - comunidade: respeito à diversidade” (ibidem, p. 2) e as atividades se deram via docência compartilhada.

Nos primeiros dias destinados à observação participante na

12 Bolsista PIBID/Capes/FMP. Aluna de pedagogia da FMP. Contato: cassandra.machado@aluno.fmpsc.edu.br .

turma, conhecemos os tempos escolares, o modo de agir da professora, dos alunos e do grupo. Naquela oportunidade, vivenciamos algumas perspectivas da etnografia, que conforme Corsaro (2005) consiste em entrarmos na comunidade, sermos aceitas e participarmos da vida nela. Assim, aprendemos possibilidades de contato mais próximo das crianças advindo de um processo dialógico e flexível. Enfim, o desafio de nos inserirmos de modo a romper com a hierarquia entre adultos e crianças, que muitas vezes apresenta-se naturalizado para ambos, além de que, possibilita apreender as diferentes culturas presentes na sala de aula.

A prática deve ser planejada com a intenção de oportunizar um aprendizado que não se dirige apenas aos alunos da escola, mas também a nós acadêmicas de graduação. Amparamo-nos no entendimento dos Saberes Docentes de Tardif (2014, p. 36), que os define como “oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais.” Dessa forma, consideramos todo o processo desde as reuniões, compreensão do projeto PIBID/FMP, observação, planejamento e inserção de saberes que consubstanciam-se à formação profissional. Ainda inspiradas em Tardif, trazemos neste ensaio o exercício de produção do conhecimento e de expressão resultante dos saberes constituídos até o momento. Assim, desenvolvemos uma identidade PIBIDiana na relação com professores, estudantes e equipe gestora de uma posição própria: PIBID.

(Re) Criação de Máscaras Africanas

Na semana da Consciência Negra, a escola realizou uma semana de atividades envolvendo a temática e nos solicitaram propor alguma atividade relacionada ao assunto.

Falar sobre a cultura Afro-brasileira é falar da história do Brasil, é falar sobre um tempo de escravidão de muitos povos africanos. É falar de igualdade de direitos, de racismo e

também desmistificar o senso comum relacionado à cultura africana. Tais abordagens acabam adentrando no espaço escolar e em nossa sociedade como um todo, atingindo de forma discriminatória uma cultura da qual muitos ainda não se veem como pertencentes. Ou seja, uma cultura da qual todos fazem parte e que contribui significativamente à nossa história.

Pensando em algo que envolvesse os alunos e ao mesmo tempo permitisse agregar tais conhecimentos, planejamos a confecção das máscaras africanas para o quarto ano, com o auxílio da professora Miriam Branco/ FMP, do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI). Em um primeiro momento introduzimos o assunto questionando, ou seja, o que sabiam sobre a cultura africana. Iniciamos um diálogo partindo dos seus conhecimentos prévios sobre o assunto, queríamos saber sobre suas vivências pessoais. Muitos questionaram sobre a vinda dos africanos para o Brasil, sobre a escravidão e histórias que seus familiares contaram. Alunos negros manifestaram-se sobre questões de racismo referente às suas experiências próprias e/ou sofridas por familiares. Falaram sobre igualdade, respeito, diferenças, como se sentiam na escola e em relação a outras pessoas. Dialogaram sobre a sociedade, o mundo. A conversa possibilitou apropriação de novos conhecimentos compartilhamento de sentimentos e ideias. No segundo momento, a partir de suas falas, levamos novas informações referentes à religiosidade e à arte africana na confecção das máscaras. Realizamos uma pesquisa com os alunos sobre as máscaras, seus significados, suas cores, como eram feitas. A pesquisa foi em sala, via online e em artigos de revistas sobre o assunto. Pudemos observar o processo de apropriação de saberes discentes como algo novo para eles, principalmente para os afro-descendentes que frequentavam aquela turma. Esta necessidade partiu da curiosidade deles e se transformou na produção de máscaras com materiais alternativos.

O momento de produção das máscaras africanas trouxe como intencionalidade proporcionar novos saberes, experiências e a

ressignificação de valores de entendimento do outro, de mediação individual ou coletiva. Na confecção das máscaras cada um (re)criou, ressignificou ou interpretou livremente o que compreendeu e assimilou sobre a temática. Desta maneira, permitiram-se explorar as formas, as cores e experimentaram sensações durante o momento da criação de sua própria máscara. Após a confecção, muitos falaram sobre suas máscaras, por que fizeram seus rostos bravos, tristes ou alegres, ou o que representavam ou quais suas características. Algumas máscaras adquiriram nome próprio, ou algum tipo de poder especial e sabedoria. Foi um momento de compreensão e admiração à cultura dos povos africanos, bem como o respeito a sua forma de representar sua crença e religiosidade.

Utilizar-se da arte para a compreensão do mundo, da sociedade e de si mesmo em muitos momentos no espaço escolar, é uma alternativa que auxilia de forma significativa a compreensão dos assuntos e conteúdos propostos. Smolka (2009, p. 9), comenta o pensamento de Vigotski, o qual analisa:

[...] as relações entre imaginação e realidade e mostra como a imaginação se apoia na experiência; como a experiência se apoia na imaginação; como a emoção afeta a imaginação e como a imaginação provoca emoções. Argumenta ainda que a imaginação, na qualidade de atividade humana afetada pela cultura, pela linguagem, vai sendo marcada pela forma racional de se pensar, historicamente elaborada.

Enquanto educadores, precisamos pesquisar o universo da imaginação, buscando entender como funciona o imaginário da criança e quais elementos favorecem esse tipo de experiência.

Construindo a docência

Desde a primeira fase do curso de Pedagogia valoramos o aprender pela experiência e buscamos oportunidades para vivenciar a

docência. O aprendizado durante as aulas fortaleceu nossa convicção de que os saberes práticos são necessários, especialmente quando combinados com os saberes teóricos. Enfim, tais saberes formulados em uma ação-pensante chamada *práxis* (FREIRE, 2018). Dessa forma, entendemos que o projeto de co-atuação do PIBID, nos proporcionou de maneira efetiva toda essa vivência, agregando não apenas conhecimentos, mas também a oportunidade de colocá-los em prática e/ou questioná-los.

A prática diária da docência em sala de aula, o estar com os alunos, as culturas infantis, a reflexão sobre práticas antirracistas e as diferentes realidades que compõem a turma, nos proporcionaram o exercício de docência e, aos poucos, constituíram-nos no entendimento do que é ser professora.

Enquanto bolsistas do PIBID, buscamos desde sempre ocupar um “lugar” de educandas, conhecer as regras da convivência e as muitas realidades que se apresentavam no contexto escola/alunos/professores. Nos inserimos e contribuímos a partir de saberes em construção, com os novos eventos e situações que agregaram momentos de aprendizado aos alunos e a nós mesmas. Assim, ao convivemos com a (in)tensa realidade “exigida pela prática de ensinar-aprender, participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a docência e com a seriedade.” (FREIRE, p. 26, 2017).

A constituição da identidade docente se tornou nosso objetivo maior, pois nos motivou a estar presentes no ambiente escolar, observando, compreendendo e assimilando o maior número possível de informações pertinentes, das quais se originaram muitas dúvidas e inquietações e, também, momentos de grande aprendizado. Acreditamos que a professora não transmite apenas conhecimentos ou que detém determinado saber. Para nós, professora é aquela que constitui a si mesma no processo de ensinar, qual seja: somos professoras enquanto fazemos nossa caminhada

rumo à formação, enquanto ouvimos e dialogamos com os professores em sala de aula.

Freire nos aponta que na relação educador e educando não deve faltar a dialogicidade, uma comunicação que deve existir não apenas de forma clara, mas caminhar ao encontro, a um entendimento de mundo e de realidade onde ambos fazem parte, “não há diálogo, se não há humildade”, (FREIRE, 2017, p. 111). O autor remete os educadores a uma reflexão sobre a prática docente. Reconhecer principalmente que ser professor não se trata apenas de ministrar conteúdos, mas estar em relação. Portanto, é nisso que consiste a dialogicidade com humildade, tão necessária à docência, como ferramenta essencial para a construção do conhecimento. Um diálogo que deve ser sincero, em que educador e educando se conectam, se respeitam e, principalmente, aquele no qual o educador entenda as necessidades do seu educando, pensando o conhecimento a ser proposto de acordo com a realidade vivida, sem impor modelos que partem da sua visão de mundo, mas problematizando a realidade do educando e com ele construindo outros conhecimentos.

Compreende-se que o processo de aprendizado é uma construção que se efetiva de forma coletiva e não individual, tenho que aceitar que o aprendizado é a todo instante construído não apenas para o meu educando, mas para mim, que tenho a oportunidade de aperfeiçoar minha prática, melhorar minha fala e minhas estratégias pedagógicas, a partir do que o educando me mostra como necessidade.

Considerações finais

O Programa de Iniciação à Docência foi de extrema importância para ampliar os horizontes daqueles que acreditam e vislumbram a docência como profissão. São essenciais para que os professores em formação possam não apenas conhecer a realidade

que os aguarda, mas para também se conhecerem e obterem a certeza de que esse é o caminho a seguir. Oportunizam muito mais que conhecimentos e vivências, mas uma melhora significativa no aspecto humano, o nosso olhar para o outro e para nós mesmos, pois acreditamos que há uma relação entre o profissional e o pessoal. Há uma complementação, uma junção entre as partes que formam, ao final, o todo; que nunca se completam, porque tem sempre sede de saber e conhecer. Essa busca por conhecer-se e conhecer o outro deverá ser contínua quando se propõe atuar na educação, pois é algo que se constrói e se renova a cada dia, a cada ano, a cada época, e é assim que se faz a história, por meio da educação, da cultura, dos valores políticos, éticos e estéticos. A sociedade como um todo tem grande responsabilidade nessa construção, e o papel do professor é fundamental.

Como estamos no início do curso e da carreira em Pedagogia, a maioria das situações foram novidades e suscitaram mudanças na maneira de compreender e agir; já que, nosso repertório pedagógico ainda é inicial. A interação com as crianças foi algumas vezes difícil ou tensa, mas na maior parte do tempo foi divertida e surpreendente. É um constante exercício de inclusão e desconstrução de preconceitos e estereótipos do que é ser criança. Nesse sentido, ainda estamos aprendendo do que elas são capazes e quais expectativas são de fato realistas. Se constituir professor é caminhar sem pressa de chegar, por isso fica claro que o projeto do PIBID contribuiu de forma muito significativa à nossa formação pedagógica, pois alicerça nossa caminhada e nos conduz a um entendimento maior do universo que compreende o espaço escolar, nos apresentando aos poucos à realidade do que significa ser professor. Acreditamos que o conhecimento teórico aliado à prática enriqueceu nossa caminhada rumo ao exercício da docência, pois exercer a docência é constituir-se num ato de consciência, no qual é necessário saber o quão grande é sua responsabilidade não apenas para com a sociedade, mas para com o mundo.

A partir deste trabalho produzimos um artigo e o apresentamos no “II Congresso sobre Estudos da Infância (UERJ)”, na cidade do Rio de Janeiro, no dia 18 de setembro de 2019, o que somou teoricamente ao estudo e significou ainda mais a apropriação da experiência docente em construção.

REFERÊNCIAS

CORSARO, W. A. *Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. Educação e Sociedade*. Campinas, v. 26, n. 91, p. 443-464, maio/ago. 2005.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

_____. *Pedagogia da Autonomia. Saberes Necessários À Prática Educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

ODININO, Juliane et al. *Projeto Institucional registrado na Plataforma Freire*. Brasil: Plataforma Freire, 2018.

TARDIF, Maurice. *Os professores diante do saber: esboço de uma problemática do saber docente*. Saberes docentes e formação profissional. 17^a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 31-55.

VIGOTSKI, Lev Semionovich; SMOLKA. Apresentação e Comentários Ana Luiza. *Imaginação e criação na infância*. São Paulo: Ática, 2009. 135 p.

4.2 A ALEGRIA DE VER-SE AUTOR

Anna Paula Dutra¹³

Maria Helena C. G. Barbosa¹⁴

Partindo das observações e práticas de ensino no 1º ano do Ensino Fundamental I, de uma escola da rede pública estadual, sentimos a necessidade de ampliar o estudo sobre como é abordada a produção textual em uma referida turma.

No primeiro momento, iniciamos explicando aos alunos que iríamos, juntos, construir uma história.. Então, para decidir qual gênero e o nome do personagem, fizemos uma votação. A turma decidiu que seria uma menina chamada Sofia, nome definido pela turma a partir de três opções levantadas.

Após esse momento, fomos perguntando para os alunos “o que a Sofia gostava e não gostava de fazer?” Como, por exemplo: comer, brincar, passear... e do que tinha medo?

Cada criança levantava a mão e dava a sua opinião, sendo que algumas delas, por algum motivo, não opinaram. Cientes de nosso papel na constituição de nossa docência, pedíamos a opinião de todos os alunos, tentando incluí-los de alguma maneira na produção da história.

A partir das perguntas e das respostas elaboradas pelos alunos fomos construindo aos poucos nossa história. Houve várias respostas que proporcionaram às crianças trazerem aspectos de si e outros elementos diferentes e criativos, nesse contexto, Rodari

13 Bolsista PIBID/Capes/FMP. Aluna de Pedagogia na FMP.

Contato:anna.dutra@aluno.fmpsc.edu.br

14 Bolsista PIBID/Capes/FMP. Aluna de Pedagogia na FMP.

Contato:maria.goncalves@aluno.fmpsc.edu.br

(1982) afirma que “ a imaginação da criança, estimulada a inventar palavras, aplicará seus instrumentos sobre todos os traços da experiência, que provocarão sua intervenção criativa.” (RODARI, 1982, p. 163).

Percebemos isso, quando as crianças nos disseram que a personagem Sofia gostava de comer “sopinha para o inverno” e “arroz”, não gostava de “mel de leão”, e “brócolis”, gostava de “passear no shopping”, de ir na “casa da vovó Josi”, não gostava de passear em “lugar cheio de bicho”, “onde não tem escola”, “onde tem poeira que nem dá para olhar”, no “Beto Carreiro” e “perto de mato grande, porque tem cobra”.

Outros tópicos que trouxemos foi “do que Sofia gostava de brincar”, em que falaram: de “boneca”, “casinha”, “tiroleza” e “slime¹⁵”, não gostava de brincar de “gangue¹⁶”, “chocalho” e “ler livro”, e o último tópico foi do que Sofia tinha medo: “altura”, “bicho papão” e “unicórnio”.

Ao terminar a história, perguntamos para eles qual poderia ser o título. Um dos meninos sugeriu e as demais crianças concordaram em ser chamada de: “A História da Sofia”. Enquanto cada um falava a sua opinião, anotamos os nomes de quem participou e, sendo assim, ao ler para as crianças o que havia sido escrito, percebemos que ficaram felizes ao ouvir algo que elas sugeriram.

O que mais nos chamou a atenção nesse momento foi a menina que havia sugerido que Sofia gostava de brincar de “slime”. Quando chegamos na parte de brincadeiras, ela repetia o que falávamos até chegar na palavra dela, enquanto seus olhos brilhavam

15 Slime ou amoeba é uma massa de modelar com textura pegajosa e viscosa que as crianças adoram brincar.

AGUENA, Marília. Conheça o 'slime', a nova brincadeira que é febre na internet. Disponível em: <<https://lifestyle.r7.com/moda/conheca-o-slime-a-nova-brincadeira-que-e-febre-na-internet-24082019>> Acesso: 04 out. 2019.

16 De acordo com a criança que nos sugeriu essa brincadeira, Gangue é uma brincadeira em que uma mulher corre atrás deles tentando matar.

com expectativa e abria um sorriso enorme. No final, uma delas pediu para que lêssemos de novo, o que prontamente fizemos. Ao terminar a leitura, outra menina disse: “só isso?”, como se tivesse querendo escutar mais a história. Ao ouvir essa frase combinamos que procuraríamos outros elementos para o texto e continuaríamos na próxima semana.

Depois de realizarmos a leitura da produção de história construída com a colaboração das crianças, pedimos que assinassem seus nomes em uma folha, para constatar suas autorias.

No segundo momento, como alguns dos alunos haviam faltado na semana anterior, lemos para eles o que foi feito e explicamos o que faríamos naquele dia. Após essa etapa, votamos para saber “quantos anos Sofia teria” (7 anos de idade), “a cor de seus olhos” (azul), (o cabelo comprido), “qual seu tipo de moradia” (apartamento), “se teria animal de estimação”, na votação ela teria um leão, cachorro, coelho, gato e foi sugerido um unicórnio também. No entanto, lembramos que já havia sido indagado que Sofia tinha medo desse animal. No final, resolvemos coletivamente a situação de que seria a cachorrinha Lili e a coelha Bolinha – nome escolhido pelas crianças.

Para finalizar, realizamos novamente a leitura da história colocando todas as novas informações. Solicitamos a produção de um desenho sobre “A história de Sofia”, sendo que as crianças logo pediram uma nova leitura para que pudessem decidir melhor sobre o que desenhariam.

Todos os desenhos sobre a história da Sofia foram expostos na “mostra de trabalhos na Feira de Ciências”, organizada pela própria escola. Percebemos que como não utilizamos nada colorido as pessoas não paravam muito para olhar. Então, quando alguma criança chegava perto dos desenhos feitos sobre “A História da Sofia”, perguntávamos “se haviam visto a história que criaram e os desenhos delas?”. O que mais nos chamou a atenção foi quando uma criança deu um grito de felicidade ao identificar seu desenho. Outro

momento foi quando uma delas pediu para ler a história para ela, e como das outras vezes mostrou entusiasmo ao chegar na parte do “slime”.

Essa produção mostrou quão grande é a imaginação das crianças e como é necessário que possuam momentos em que sejam capazes de expressar livremente suas preferências, sentimentos e ideias. Dessa maneira, os pequenos dão asas a sua criatividade, favorecendo, assim, o protagonismo infantil. Nesse sentido:

A criança é protagonista ativa de seu próprio crescimento: é ela dotada de extraordinária capacidade de aprendizagem e de mudança, de múltiplos recursos [...]. A participação é um valor e uma estratégia que gera e alimenta sentimentos, uma cultura de solidariedade, de responsabilidade e de inclusão; produz trocas e uma nova cultura (SILVA, 2011, p. 24-25).

Com essa proposta, procuramos incluir todos os alunos, os que sabiam ler e escrever, e os que estavam no processo de aquisição da leitura e da escrita, já que eles poderiam utilizar da oralidade para serem incluídos. Esta experiência possibilitou a interação das crianças com variadas linguagens, contribuindo dessa, forma com o seu desenvolvimento e aprendizagem. O que mais nos chamou a atenção foi que as crianças adoraram participar ativamente da criação e de estarem no lugar privilegiado enquanto autores.

REFERÊNCIAS

RODARI, Gianni. *Gramática da fantasia*. [Tradução de Antonio Negrini; direção da coleção de Fanny Abramovich]. São Paulo: Summus, 1982. (Novas buscas em comunicação; v. 11).

SILVA, Jacqueline Silva da. *O Planejamento no Enfoque Emergente: Uma experiência no 1º Ano do Ensino Fundamental de Nove Anos*.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação,
Porto Alegre, 2011.

4.3 AÇÕES PARA A FORMAÇÃO POLÍTICA EM SALA DE AULA

Kelly Mendes de Moura¹⁷

Thuanny Soares Dutra¹⁸

O campo de atuação desta inserção em sala foi oportunizado por meio da participação enquanto discente do Programa de Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). A partir de setembro de 2018, nosso campo de trabalho passou a ser na Escola de Educação Básica Professora Claudete Maria Hoffmann Domingos, da rede estadual de Santa Catarina, na turma de 4º ano vespertino.

Iniciamos com inserções envolvendo discussões e debates em sala de aula, com temáticas do cotidiano das crianças. Trabalhamos também a contação de história do livro *Malala uma menina muito corajosa* da autora Jeanette Winter. A escolha do livro se deu por entendermos a necessidade de levar livros que mostrassem a representatividade feminina, assim como apresentar histórias de pessoas reais.

Complementando as inserções realizadas com a turma de 4º ano, o presente relato de experiência busca contribuir com a divulgação de práticas de sala de aula que promovam a formação política do estudante. Lima (2002, p. 71) pode complementar dizendo que, “A educação escolar para a cidadania só é possível através de práticas educativas democráticas, desta forma, promove

17 Bolsista PIBID/Capes/FMP. Aluna de Pedagogia na Faculdade Municipal de Palhoça –FMP/SC Contato:kelly.moura@aluno.fmpsc.edu.br

18 Bolsista PIBID/Capes/FMP. Aluna de Pedagogia na FMP. Contato:thuanny.dutra@aluno.fmpsc.edu.br

valores, organiza e regula um contexto social em que se socializa e se é socializado”.

A professora regente da turma já trabalhava sobre temas do cotidiano dos alunos. Ao chegarmos no primeiro dia de observação, a Professora Regente estava em uma roda de conversa com a turma, em que discutiam sobre o feriado de 7 de setembro e comentando sobre o museu que pegou fogo¹⁹. Durante a conversa ela questionou “se no museu estava a Carta de Independência, e se ela havia se perdido no incêndio, não haveria mais feriado?”. Percebemos que as crianças se mostraram pensativas, mas logo informaram: “haverá sim, pois hoje em dia não encontramos mais a carta somente no museu”! Outro aluno completou dizendo: “encontramos em livros e até na internet”.

Dentro deste cenário de possibilidades, optou-se por desenvolver um projeto relacionado às questões políticas, no caso, eleições presidenciais e governamentais. A decisão partiu de observações de crianças dentro e fora da sala de aula que, diante do segundo turno das eleições, que aconteceria em outubro de 2018, conversavam sobre os candidatos mais qualificados para o cargo. Por esse motivo, levamos a proposta de uma eleição dentro da sala de aula, a qual ocorreu às vésperas da eleição presidencial no Brasil em 2018.

Os alunos da turma de 4º ano se mostraram bastante críticos, participativos e principalmente interessados nas questões políticas. Era o assunto do momento entre eles, o que motivou ainda mais a realização do projeto “Eleições”.

No primeiro momento, abordamos algumas das atribuições aos cargos de presidente do país e de governador de Estado. Após, perguntamos aos alunos sobre o papel dos governantes destes e sua importância, ouvimos falas do tipo: “O certo era o presidente cuidar

19 Museu Nacional, na Quinta da Boa vista, em São Cristóvão, Zona Norte do Rio de Janeiro, pegou fogo no dia 02 de setembro de 2018. Tendo grande parte do seu acervo destruído.

do nosso país, mas muita vezes vemos só ele roubando”, entre essa fala e outras, presenciamos um tom de revolta, quando as crianças se manifestaram afirmando que ninguém “prestava”.

No segundo momento, apresentamos a eles nossa proposta principal, que seria dividir a turma em dois grupos, o primeiro em candidatos à presidência do Brasil e outro grupo seria de candidatos a governadores do Estado. Foi destacado que todos teriam que construir suas propostas para melhorar o nosso país, para a sua construção disponibilizamos folhas A4 branca e deixamos livres para o uso de seus materiais pessoais.

Muitos alunos ao construírem suas propostas criaram seus próprios partidos eleitorais, assim como o número da sua candidatura. Duas alunas decidiram que seriam do mesmo partido, uma candidata a presidente e a outra a governadora. Com isso construíram suas propostas pensando juntas. Após todos executarem suas propostas, perguntamos quem gostaria de ser candidato à presidência e a governador. Alguns alunos não quiseram participar das eleições como candidatos, somente como eleitores.

Solicitamos aos candidatos que fizessem a apresentação de suas propostas e as apresentassem para seus eleitores. Em seguida à leitura e à apresentação foi realizada a eleição do primeiro turno. Definimos em conjunto com a turma que só votariam quem não estava sendo candidato na sua categoria, ou seja, os presidentes e eleitores votariam no governador e os governadores e eleitores votariam no presidente. Essa situação só ocorreu no primeiro turno, no turno seguinte, trabalhamos com outra proposta.

Os primeiros a se apresentarem foram os candidatos a governadores, em uma turma de 29 alunos, 3 dos alunos o R²⁰, J e ME quiseram concorrer a essa categoria, sendo dois meninos e uma

20 Todas as crianças participantes têm autorização para a divulgação dos nomes e para participação na pesquisa, no entanto, para preservar a identidade das crianças, optamos por anunciar somente suas iniciais pois, ao invés de utilizar nomes fictícios, acreditamos que será oportuno vê-las se reconhecendo enquanto autoras do processo de construção do conhecimento coletivo.

menina. Depois da leitura das propostas fizemos a votação e os eleitos para o segundo turno foram ME e J. Chamamos à frente os candidatos à presidência, num total de 12 candidatos. Pedimos que todos se apresentassem e trouxessem suas propostas. Após a apresentação fizemos a votação, ficando para segundo turno duas alunas a L e a JA. Dando fim ao primeiro turno, realizamos os debates para que assim os eleitores pudessem fazer uma escolha justa, ou seja, decidir quem seria os governantes da sala.

No primeiro debate chamamos os candidatos a governador estadual num diálogo frente a frente, momento em que realizaram réplicas e trélicas, pedimos para que os mesmos fizessem perguntas um para os outros sobre as propostas apresentadas.

No debate de forma mais direta ME questionava o J sobre o que ele faria para melhorar a educação e quais eram suas propostas para a saúde e segurança. Diante de tanta “pressão” J não conseguiu responder aos questionamentos de ME e nem fazer perguntas a ela, por esse motivo encerramos a primeira rodada de debates. Dando continuidade ao debate para presidente chamamos à frente as candidatas L e JA. As duas agiram com desenvoltura no debate conseguindo replicar com calma as perguntas de cada uma, assim como questionar.

Antes de encerrar o debate, decidimos abri-lo para que mais alguém da sala, que desejasse participar, tivesse a oportunidade de se manifestar. Um aluno se posicionou afirmando sua participação. Todos da turma o conhecem pelo seu poder de argumentação, sendo assim, perguntamos quem gostaria de debater com ele. De tantos que se dispuseram a que mais nos impressionou foi a JA, sendo a única que conseguiu argumentar e questioná-lo na mesma intensidade.

Durante o debate o estudante P questionou sobre os valores da passagem de ônibus, perguntando a ela o que achava delas serem gratuitas. Ela prontamente respondeu dizendo que achava injusto, pois se fosse gratuito as empresas de transporte público não teriam

como pagar funcionários e a manutenção dos ônibus. Ele rebateu dizendo que se fosse gratuito, os cidadãos não pagariam os impostos. Assim encerramos os debates e abrimos as votações. Entregamos aos alunos dois papéis, um para votar no governador estadual e outro para votarem no presidente.

Depois que todos os alunos pegaram seus papéis para a votação, mostramos aos alunos a urna²¹ e por fileira. Cada aluno ia até a urna votar. Pudemos presenciar que mesmo a urna sendo feita de papel, muitas crianças antes de depositarem os seus votos dentro da urna, “apertaram” nos botões que representavam o número dos seus candidatos.

A professora anunciou que assim que todos votassem utilizaria essa votação para que o presidente se tornasse o líder de sala e o governador se tornasse o vice-líder. Fizemos a contagem de votos para contabilizá-los. A cada voto podíamos ver nos rostos dos alunos a sua ansiedade: os candidatos roíam unhas, riam nervosos e até tampavam os olhos para não ver. Terminamos a contagem dos votos tendo como eleita a presidente L e a governadora estadual

Imagens 1, 2 e 3: exercendo seu direito de cidadania.



Fonte: As autoras.

21 A urna foi construída com caixa de papelão, folha A4 branca e revista.

ME. Notamos que a luta feminina por representatividade política e social vem ganhando forma e força. Conforme Odininio, Taú e Branco (2019, p. 09), citam: “Essa distinção de papéis sociais bem definidos vem sendo reproduzido ao longo da história e somente graças à luta das mulheres que vem sendo possível romper com ela”.

Com esse olhar de transformação nas semanas que seguiram à eleição perguntávamos para os estudantes se as eleitas estavam ou não exercendo seus papéis, como líder e vice-líder da turma. Muitas crianças reclamaram e nos informaram que a líder estava faltando muito e que a vice deveria tomar posse do cargo de líder. Percebemos, assim, a conscientização do papel da formação política nas crianças, da consciência crítica, da responsabilidade e da autonomia nas decisões de gestão da sala de aula pelos próprios alunos.

Considerações finais

Por meio das práticas apresentadas neste relato podemos perceber a importância de uma prática pedagógica que potencializa a argumentação, criticidade e criatividade das crianças. O papel da escola não é apenas de transmitir conhecimentos, mas colaborar na construção do aluno como um todo. Sendo assim a escola deve desempenhar o papel de formar cidadãos críticos e conscientes de seus direitos e deveres.

Durante todo o período que acompanhamos a turma, notamos como era o trabalho da Professora Regente, que como mediadora dos questionamentos, constitui estudantes críticos, reflexivos e argumentativos.

Durante a inserção na turma do 4º Ano, notamos ser necessário incluir cidadania, assim como os direitos e deveres dentro da sala. Além de trabalhar a argumentação, construiu-se coletivamente uma reflexão das crianças sobre o cenário político do país.

Em algumas propostas, as crianças incluíram melhora na merenda escolar. Essa melhora se daria pelo fornecimento de “nutella” e “coxinha”; e ao lerem suas propostas, a turma se mostrou alegre e concordaram com ela. Porém, durante o debate, notamos que os assuntos tratados se modificam, passando a ser questões voltadas para o bem estar da sociedade. Passaram a refletir na satisfação do coletivo e não somente de um determinado grupo.

Conclui-se que a promoção de debates e práticas argumentativas e reflexivas com aporte teórico e conceitual, além de desenvolver as dimensões da cidadania nas crianças em formação, são de suma importância no processo de ensino e de aprendizagem, no qual os educandos exercem sua cidadania com criticidade e argumentação.

REFERÊNCIAS

ODININO, Juliane di Paula Queiroz. TAÚ, Ana Cláudia. BRANCO, Mirian Adriana. *Mulher na política: tome partido*. Florianópolis: Pae, 2019. (no prelo)

LIMA, Licínio C.. *Organização escolar e democracia radical: Paulo Freire e a governação democrática da escola pública*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2002. (Guia da escola cidadã; v. 4)

WINTER, Janette. *Malala: uma menina muito corajosa*. Rio de Janeiro - Rj: Verus, 2015.

4.4 DESAFIOS DA SALA DE AULA: CINEMA, REALIDADE E MEDIAÇÃO

Silvia Assis Almeida²²

Suelen Provin Machado²³

Incomodadas com algumas atitudes indisciplinadas dos alunos do 4º ano fomos orientadas pela professora a trazer o filme *Bee Movie*²⁴ (2007, EUA, Direção: S. Rickner) ou alguma outra proposta relacionada à agressividade, falta de interesse, bullying, entre outros. Planejamos a proposta e trouxemos o filme para que fosse exibido durante a aula, numa sessão de cinema. Porém, no dia tivemos um imprevisto, pois o documento não “baixou”. Inclusive a história solicitada pela professora falava de natureza, cuidados com o meio ambiente, atitudes positivas em relação ao meio ambiente, regras, injustiças, bullying e agressividade.

Como não conseguimos baixar o filme, fomos instruídas pela professora a exibir um outro filme, pois as crianças já estavam ansiosas esperando para conhecer a história que a professora Neiva havia comentado em sala de aula. Como tínhamos em nossos arquivos o filme *Menino Maluquinho* (Brasil, 1995, Direção: Helvécio Ratton)²⁵, repassamos para as crianças e tivemos uma inesperada surpresa, diante das reações deles, uma vez, que... Ops! Não

22 Bolsista PIBID/Capes/FMP. Aluna de Pedagogia na FMP.

Contato:silvia.almeida@aluno.fmpsc.edu.br

23 Bolsista PIBID/Capes/FMP. Aluna de Pedagogia na FMP.

Contato:suelen.machado@aluno.fmpsc.edu.br

24 O filme conta a história de Barry B. Benson, uma abelha que acaba de se formar na faculdade e que foi iludida com a perspectiva de ter apenas uma escolha de carreira: fabricar mel. Um certo dia, Barry consegue sair da colméia onde as abelhas viviam no Central Park e sua vida é salva por uma mulher, Vanessa, florista da cidade de Nova York.

tínhamos feito a análise do filme previamente!

Nos preparamos para ver o filme. Era um dia de muito frio e criamos um ambiente aconchegante. Alguns alunos até trouxeram cobertores, arrastamos as carteiras para os cantos, colocamos colchonetes no chão e eles se acomodaram. Enquanto isso preparamos o data show para exibir o filme. Após tudo pronto, as crianças já acomodadas nos lugares de sua preferência, começamos a fazer pipoca na pipoqueira elétrica. Separamos em saquinho, fomos distribuindo para elas, e colocamos o filme para rodar. No decorrer do filme, embora a classificação fosse livre, começamos a perceber que haviam situações problemáticas do ponto de vista moral, que poderiam ser polêmicas como nudez, molecagens, transgressões.

Durante o desenvolvimento do filme a professora aos poucos foi fazendo algumas interferências, trocando algumas partes consideradas negativas do filme transformando-os em reflexões acerca do comportamento da turma (ex: o personagem principal achava legal realizar travessuras com os amigos). Assim conseguimos trabalhar mais do que só as traquinagens praticadas pelos personagens, percebendo que muitas situações importantes do filme como separações entre um casal e morte do avô foram temas levantados na sala de aula com alunos que passaram por isso, levando-os a refletir também sobre as brincadeiras não apropriadas, coisas que achamos engraçadas, mas que nem sempre agrada a todos.

No mesmo dia foi conversado sobre o que se viu no filme, falamos o que foi visto de “ruim”. Feitas estas análises, procuramos analisar os pontos vistos como negativos refletindo-os enquanto pontos positivos. Foi explicado sobre diferença dos corpos, por que no filme aparece o menino maluquinho folheando uma revista para maiores de idade; pois hoje, com o avanço da internet, eles podem

25 Helvécio leva para as telas um dos maiores sucessos da literatura infantil brasileira, Menino Maluquinho, de Ziraldo. Um garoto normal, feliz e bem cuidado por sua família que, enquanto aproveita a infância brincando na rua com a turma, observa o mundo que o cerca e aprende a lidar com a vida. .

cair em sites considerados impróprios.

Há situações em que os filhos de pais separados podem ficar só com a mãe ou só com o pai ou avós etc. A mediação foi que apesar dos imprevistos de seus pais se separarem e seu avô falecer, situações que aconteceram no filme, o importante era que ele tinha amigos fiéis e a família que o apoiava independente das dificuldades. No final do filme o narrador diz a frase: Enfim, o menino maluquinho cresceu! E nós, professoras, dissemos a eles que naquele momento todos ali eram crianças, assim como o menino maluquinho no filme, mas que todos iriam crescer e ter suas próprias histórias para contar. Reforçamos o quão seria bom que eles pudessem ter experiências ao longo de seu crescimento, para que as pessoas pudessem lembrar sempre de seus feitos de maneira saudosa. Assim, aconteceu sessão de cinema com a história de um menino maluquinho.

Durante a semana a professora continuou esse projeto, discutindo com elas sobre a transformação do Menino Maluquinho. Trouxe um livro *A Menina Que Não Era Maluquinha de Massarani e Rocha* (2006); fazendo, assim, uma análise crítica do filme. Durante estas propostas também foi abordado na discussão em sala a referência do autor do livro *Menino Maluquinho* (1980), Ziraldo.

Na semana seguinte, propomos como continuidade do filme, um questionário como avaliação sobre o que eles aprenderam assistindo-o na semana anterior. Nos impressionamos com a turma, pois apesar de ter passado uma semana após a sessão do filme, as crianças lembravam de todos os detalhes e responderam às questões em coro quando questionadas. Em outro dia de proposta pedagógica, fizemos uma roda de conversa e descobrimos coisas que no dia a dia não conseguíamos perceber. A professora começou a aula pedindo para que eles contassem sobre suas vidas; então, começaram a falar.

Foi realizada uma conversa sobre o que viram no filme. Sentamos em roda e começamos o diálogo. Ao escutarmos as

histórias percebemos como cada uma das crianças tem suas dificuldades e rememoramos os nossos encontros semanais... quando atribuímos a elas por não querer participar das propostas, a preguiça. Ao ouvir a história do Davi²⁶, ficamos muito emocionadas. Ele relatou que era adotado, que sua mãe biológica era usuária de drogas e que havia doado vários irmãos seus; assim, ele foi levado para uma instituição de adoção. Foi adotado por um casal, que considera “muito legais”. Seus pais adotivos lhe dizem para não ter raiva da sua mãe biológica. Explicaram-lhe que ela não tinha condições de cuidar dele, pois “ela estava doente por causa das drogas”. O menino relatou que amava muito sua mãe e amava muito seus pais adotivos. Alunos que têm pais separados nos contaram sobre brigas familiares, por isso pudemos perceber o motivo que alguns alunos não rendem em sala, principalmente quando o tema envolve família. Ouvimos alunos falarem de seus avôs, (alguns já falecidos) com todo carinho, lembrando de histórias que lhes haviam contado. Foi um dia de muitas emoções. Muitas histórias foram narradas, conhecemos um pouco mais de cada uma das crianças.

A experiência foi de grande valia, pois todo professor deve planejar e ao mesmo tempo estar preparado para possíveis imprevistos que ocorrem no cotidiano de sala de aula. Ao mesmo tempo, nos demos conta do papel da profissão docente. Lidar com o inesperado é um aspecto inerente nas relações humanas, repletas de moralismos e visões de mundo engessadas que necessitam ser a todo momento discutidas e revisitadas em prol de uma educação mais plural e inclusiva. Com a experiência do filme do *Menino Maluquinho*, mesmo que de início tenhamos vivenciado uma situação inusitada ao que imaginávamos, foi possível desenvolver uma relação dialógica que abordou a temática sobre afetividade e boas maneiras, ampliando as perspectivas reduzidas e estanques advindas do senso comum.

26 Nome fictício para preservar a identidade da criança.

5. O PIBID NO FREI DAMIÃO: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DAS ESTUDANTES BOLSISTAS DE PEDAGOGIA DA FMP

A seguir serão apresentados os relatos de experiências de algumas bolsistas do PIBID no Frei Damião. Como a escola leva o nome do bairro, um aspecto interessante é que na relação com esta escola, escola e comunidade sempre soaram uma coisa só. A tessitura da escrita buscou envolver seus múltiplos aspectos e, em particular, contou com o apoio da supervisora e das professoras regentes. Será iniciado pela apresentação da escola. Na sequência, os leitores encontrarão os relatos das bolsistas sobre suas vivências.

A escola está situada na Rua das Palmeiras s/n, no bairro: Frei Damião, que pertence ao município de Palhoça / SC, a escola recebeu este nome em homenagem a Frei Damião, que nasceu em Bozzano, norte da Itália, no dia 05 de Novembro de 1898, filho de camponeses, seu nome de batismo é Pio Giannottde. Esta foi fundada em 23 de abril de 2002, com o nome de Grupo Escolar Frei Damião, iniciou sua trajetória oferecendo vagas para classes do Pré-escolar a 4ª série. Está localizada na Avenida das Palmeiras s/n no bairro Frei Damião, no município de Palhoça. A instituição atende alunos do 1º ao 9º ano. No ano de 2019, atende o total de 510 alunos matriculados no ensino fundamental, contendo 11 salas no período vespertino e matutino (PPP da instituição). A escola está inserida no bairro onde tem um dos mais baixos IDHs do Estado de Santa Catarina. A maioria das famílias desta comunidade está em situação de vulnerabilidade social, sendo que sua renda familiar é oriunda da coleta de lixo, no trabalho com a reciclagem.

Após ter uma noção mais concreta deste espaço, adentrem

conosco na riqueza das experiências e desafios vivenciados pelas estudantes da Faculdade Municipal de Palhoça, na relação com a práxis docente no Ensino Fundamental - anos iniciais.

5.1 A ESCOLA NUM CONTEXTO DE VULNERABILIDADE SOCIAL

Liz Patrícia Ribeiro de Almeida²⁷

Este trabalho tem como objetivo trazer um breve relato de minhas experiências na Escola Frei Damião, por meio do Programa de Iniciação à Docência (PIBID). Minhas pesquisas foram realizadas através da observação, pesquisa no diário de campo, fotos, vídeos e fundamentado por autores como Maria Teresa Mantoan(2003), Madalena Freire, entre outros. Sou acadêmica da 6º fase do curso de Pedagogia na Faculdade Municipal de Palhoça. Ser bolsista do PIBID neste programa foi de grande importância, pois a bolsa me ajudou no custeio de passagens de ônibus e de materiais pedagógicos utilizados para efetuar minhas pesquisas. Infelizmente, em dezembro de 2018, fui informada que as bolsas do PIBID estavam suspensas, com isso, eu lamentei pelos meus colegas acadêmicos, que não terão a mesma oportunidade de vivenciar as experiências tão ricas para nossa formação através dessa bolsa.

Meu campo de estudos foi na Escola Básica Frei Damião. A unidade está situada em uma comunidade com altos índices de vulnerabilidade social. Foi fundada em 23 de abril de 2002, com a finalidade de atender os filhos dos moradores que vivem no local. Segundo dados do IBGE (2010), em sua maioria são catadores de reciclagem, trabalhadores domésticos e trabalhadores da construção civil, porém verifica-se com as famílias no entorno da escola que

²⁷ Bolsista PIBID/Capes/FMP. Aluna de pedagogia na FMP. Contato: liz.almeida@aluno.fmpsc.edu.br

mais da metade das famílias são catadores de reciclagem, cujo nível de escolaridade, prevalece, o Ensino Fundamental incompleto; outros sequer frequentaram a escola. Várias famílias encontram-se em condições precárias de sobrevivência, muitos pais levam seus filhos em idade escolar para ajudar no serviço de reciclagem; estes, devido o cansaço, perdem a motivação para ir à escola, além de outros fatores que dificultam o trabalho pedagógico nesta comunidade, tais como gravidez precoce, dependência química, violência, desigualdade social e valores diversos; assuntos comuns para eles, que me causam inquietação. Para Mantoan (2003),

[...] as diferenças culturais, sociais, étnicas, religiosas, de gênero, enfim à diversidade humana está sendo cada vez mais desvelada e destacada e é imprescindível para se entender como aprendemos e como compreendemos o mundo e nós mesmos. (MANTOAN, 2003, p.12).

O eixo institucional do PIBID/FMP de nossa pesquisa é “Diversidade e Inclusão”; portanto, considero de grande relevância social, pessoal e acadêmica pesquisar o desafio de viver à docência em uma escola de periferia com altos índices de vulnerabilidade social, onde o contexto de vida, do qual estas crianças e jovens estão inseridos, se traduzem em valores distorcidos que se chocam com os valores ensinados em sala de aula. Por este motivo minha pesquisa tem a intencionalidade de desvendar se, de fato, a violência na escola é reflexo do meio social em vivem.

A turma na qual estou realizando meu trabalho de pesquisa e iniciação a docência é um 2º ano, do período vespertino. É composta de 28 alunos que a frequentam regularmente. Minha percepção com relação à turma, em sua amplitude, é de que se trata de uma turma que necessita de intervenções constantes da professora regente, pois apresentam particularidades na forma violenta de falar e no modo como resolvem seus conflitos, geralmente tentam resolver se indispondo com os demais colegas.

Meu interesse em aprofundar minhas pesquisas neste tema, “A Escola num contexto de vulnerabilidade social”, se tornou mais intenso após uma inserção que fizemos sobre atitudes de respeito com os alunos. Percebemos que as crianças usam palavras de pouca gentileza umas com as outras, então em nossa prática pedagógica trabalhamos com as crianças várias palavras que expressam educação e consideração pelas pessoas, como “com licença”, “por favor”, “muito obrigado”, além de outras expressões. Mostramos também o quanto as pessoas ficam felizes quando recebem um abraço, um aperto de mão, um beijo no rosto, um elogio quando fazem algo de bom e que toda ação tem uma reação, pois muitas vezes se você trata bem uma pessoa, há possibilidade dela retribuir a você ou a outrem. Por isso, devemos retribuir com palavras educadas, acolhedoras para que percebam uma diferença em nós. (Diário de campo, 2019). Mantoan (2003) diz que:

[...] a inclusão também se legitima, porque à escola para muitos, é o único espaço de acesso aos conhecimentos. É o lugar que vai proporcionar-lhes condições de se desenvolverem e de se tornarem cidadãos, alguém com uma identidade sociocultural que lhes conferirá oportunidades de ser e de viver dignamente. (MANTOAN, 2003, p.30).

As crianças também tiveram oportunidade de contar como se sentiram quando foram maltratadas. Um menino, por exemplo, falou para os amigos que ficava triste quando era apelidado de “João do Pé de Feijão” e disse que não gostaria mais de ser tratado assim, disse que queria respeito; outra menina levantou a mão e falou da falta de respeito dos meninos ficarem falando todos ao mesmo tempo, já que eles sabiam que é bom levantar a mão e pedir para falar; outra criança lembrou dos palavrões em sala de aula, disse que isso sim era falta de respeito (Diário de campo, 2019).

Em meio a toda aquela discussão sobre valores e respeito, um garoto, em sigilo, aqui nomeado por D., estava debruçado em sua

cadeira. Aproximei-me dele e perguntei a razão de sua chateação. D. me falou que lá fora é muito diferente da sala de aula, pois seu pai foi morto em sua frente e ele ficou sem casa, sem lençol, sem comida, escondido vários dias na mata com sua mãe e seus irmãos, até que os policiais os acharam e os trouxeram para casa. Neste momento fiquei sem palavras. Pensativa. E a partir desse episódio passei a compreender mais as reações dele em sala. Uma menina que estava sentada ao lado de D. falou que devemos levar o que aprendemos aqui na escola para fora dela, e acrescentou pensativa: “Acho que quem mata alguém não frequentou a escola...(Diário de campo, 2019).

Essa mediação com as crianças me aguçou um olhar sensível para o que há por trás destes comportamentos conflitantes. Acrescento a essa percepção que a linguagem não verbal traz um alerta para nós professores, ou seja, a exemplo de D. os comportamentos “distorcidos” em sala “seriam um grito de socorro”? Esse nosso olhar diferenciado em sala de aula a cada criança, que as escutam, que as percebem como sujeitos em uma relação de trocas, que muitas vezes proporcionam-lhes uma segurança, um laço de amizade e respeito, lhes servem de apoio?

Neste sentido, é necessário transformar tais práticas que elas trazem do meio social, ou seja, essa cultura de que as coisas se resolvem no “grito” ou no “tapa” e (re)construir valores, tanto nos professores, quanto nos alunos, como também nas famílias.

Acredito que se faz necessário políticas públicas que atendam as necessidades desta comunidade, pois os dados do IBGE não conseguem retratar todas as carências de uma comunidade, que precisa de acompanhamento de órgãos especializados, de qualificação profissional, campanhas de prevenção a drogas, investimentos na educação que são a base para consolidar uma vida digna.

A Escola Frei Damião tem sido a grande protagonista neste processo de acreditar na inclusão da comunidade na escola, ouvindo

os pais, os alunos, os professores, as merendeiras, os profissionais da limpeza, sempre priorizando as necessidades dos alunos. Inspirada em Paulo Freire a educação tem este potencial transformador de constituir o ser humano resgatando saberes necessários para a emancipação do cidadão com plenos direitos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Liz Patrícia. *Registro de Diário de Campo*. Faculdade Municipal de Palhoça – FMP/ SC, 2019.

MANTOAN, Maria Tereza Ègler. *Inclusão escolar, O que é? Porque é? Como fazer?* São Paulo, Moderna, 2003.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. *Educação Infantil: Saberes e fazeres da formação de professores*. Capítulo 7 estágio curricular no processo de tornar-se professor. 5º ed- Campinas, SP: Papyrus, 2012- coleção Ágere.

5.2 AS BRINCADEIRAS NOS ANOS INICIAIS

Francielly Pinheiro²⁸

Jéssica Ramos²⁹

A escola é um local de grande diversidade. É um espaço de educação que contribui para o desenvolvimento das crianças e também se constitui como lugar privilegiado para a promoção do encontro de crianças. Porém, o que não vemos mais são os jogos, as brincadeiras, o brincar livre, apenas responsabilidades e uma corrida contra o tempo para dar conta dos “conteúdos”, e com isso estamos esquecendo que são crianças e que elas precisam desse momento para sua vida.

Diversos estudos apontam que o brincar ajuda no desenvolvimento da criança, nas relações sociais, na autonomia, na aprendizagem. Os jogos e brincadeiras fazem parte da vida das crianças; mas infelizmente, na maioria das vezes elas saem da Educação Infantil para o Ensino Fundamental - anos iniciais e deixam para trás o lúdico e as brincadeiras. Existem vários pensadores que remetem-se sobre a importância da brincadeira, de como esta prática auxilia no desenvolvimento individual da criança, em como se relaciona com a aprendizagem e também se caracteriza como uma prática voltada à defesa da infância. Segundo Pozas (2011, p. 15):

Brincar é uma das principais atividades da criança. É por meio da

28 Bolsista PIBID/Capes/FMP. Aluna de Pedagogia na FMP. Contato: francielly.pinheiro@aluno.fmpsc.edu.br

29 Bolsista PIBID/Capes/FMP. Aluna de pedagogia na FMP. Contato: jessica.ramos@aluno.fmpsc.edu.br

brincadeira que ela revive a realidade, constrói significados e os ressignifica momentos depois. Dessa forma, aprende, cria e se desenvolve em todos os aspectos.

Partindo deste entendimento, faremos um breve relato sobre um dia de muita brincadeira e aprendizado, com as crianças do 1º ano da Escola Básica Frei Damião.

No dia 3 de setembro, numa terça-feira, o dia estava nublado, mas isso não impediu de irmos para fora da sala de aula. As crianças já “tinham realizado suas atividades” em sala, a professora regente decidiu que eles “poderiam ir brincar no parque” e pediu para que nós os levássemos enquanto ela terminava uma tarefa com outra criança. A brincadeira aqui se reduz a uma premiação para aqueles que cumpriram suas obrigações em sala de aula! Bom, fomos ao parque, que até um tempo atrás nem existia na Escola Frei Damião.

Quando saíram da sala de aula foi uma alegria só! O primeiro momento foi sair correndo, pelo fato de estar livre, cada um com seu grupo de brincadeiras. Algumas meninas foram para um lado, com bonecas, outro grupo jogando bola, feita com folhas de papel, algumas crianças brincaram de amarelinha e o restante na gangorra, foi encantador ver toda aquela alegria! Neste momento nos demos conta do quão importante é o brincar para o desenvolvimento integral da criança. Compreendendo assim, como as brincadeiras auxiliam como defende a perspectiva sociointeracionista no desenvolvimento cognitivo e sócio emocionais das crianças.

Em meio aquela vivência tão prazerosa, houve um momento, que estava ocorrendo um conflito referente à gangorra. As crianças não estavam conseguindo se organizar entre elas; assim, num ato de interação, fomos brincar com elas. Sentamos na ponta da gangorra, uma de cada lado. Mas como a gangorra era grande, chamamos todas as crianças. No começo elas ficaram olhando, com medo, em seguida vieram todas! Foi um momento muito significativo de trocas, afetos e diversão.

Nessa hora nos sentimos crianças iguais a eles, naquele momento não tinha o professor e aluno, não tinha autoridade e sim pessoas brincando livremente. No momento da amarelinha, por exemplo, enquanto a professora desenhava no chão, os meninos foram os primeiros a querer brincar. Formaram uma fila e todos pularam, inclusive nós, sem haver distinção de idade, gênero entre outros. O tempo da brincadeira nos lembra que todos somos iguais. A brincadeira é algo espontâneo para a criança e quando um professor interage e incentiva o brincar, as crianças se desenvolvem muito mais felizes, seguras e com fortes vínculos afetivos.

Depois das brincadeiras, sentamos para uma roda de conversa, ali mesmo no chão, e fomos perguntando sobre “o que gostam de brincar?”, “se brincam bastante fora da escola?”... Foi uma conversa ótima, pudemos conhecer seus gostos, alguns tímidos não falaram nada, em compensação outros que conversavam muito, interagiram muito conosco. Ressalta-se aqui sobre a importância do diálogo, no qual Freire defende:

[...], o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes (FREIRE , 2005 , p. 91).

As crianças amam esse momento no parque, já que acabaram de sair da Educação Infantil, onde a brincadeira é privilegiada e sentem falta do brincar livre. Muitas vezes confinadas só dentro da sala de aula ficam muito aborrecidas. A rotina da sala onde permanecem apenas “sentadas, copiando e fazendo as atividades”, sabendo que não é “apenas isso que interessa”, e sim brincar, por isso fazemos a defesa da brincadeira nos anos iniciais como aspecto inerente ao direito de experimentar uma infância com qualidade e

rica em experiências significativas, que constituem a sua singularidade de ser e estar no mundo...

Imagem: Francielly e Jessica brincando na gangorra com o 1º ano.



Fonte: as autoras.

Imagem: Hora da amarelinha



Fonte: as autoras.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, C. *Inteligências e competências*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 40º ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

POZAS, D. *A criança que brinca mais aprende mais: a importância da atividade lúdica para o desenvolvimento cognitivo infantil*. Rio de Janeiro: Senac, 2011.

5.3 CONTRIBUIÇÃO DO PIBID PARA A DESCOBERTA, VALORIZAÇÃO E SENSIBILIZAÇÃO PARA A INFÂNCIA

Daniela Scarabelot Lodi³⁰

Francieli Ferreira Rodrigues Jacques³¹

Este relatório construído durante o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), em parceria com a Faculdade Municipal de Palhoça (FMP), apresentará à relevância da iniciação à docência para nossa formação. Sob o projeto institucional da FMP, o qual tem como eixo norteador “Diversidade e Inclusão” nos proporcionou a práxis pedagógica e um olhar reflexivo sobre o contexto escolar. A partir de nossas experiências no ano de 2019, numa escola pública, destacaremos três fatores que contribuíram nas considerações para elaboração deste, entendendo a especificidade da criança em sua constituição enquanto sujeito, são elas: as interações entre as crianças no ambiente escolar; o brincar no processo de seu desenvolvimento; a organização do tempo e espaços respeitando a individualidade de cada um.

Ainda descreveremos momentos dentro e fora da sala de aula com uma análise geral do que vivenciamos no ambiente escolar, utilizando teóricos que fundamentaram a nossa práxis, por intermédio de Rego (2000), falando sobre o espaço e tempo, interações e o brincar, e Ostetto (2018) sobre a importância do registro em meio a todo esse processo de observação realizado no cotidiano escolar. A temática central aborda o reconhecimento da

30 Bolsista PIBID/Capes/FMP. Aluna de pedagogia na FMP. Contato: Daniela.lodi@aluno.fmpsc.edu.br

31 Bolsista PIBID/Capes/FMP. Aluna de pedagogia na FMP. Contato: Francieli.jacques@aluno.fmpsc.edu.br

criança como ator social em sua individualidade, proporcionando as interações e o brincar no ambiente escolar como fator importante para o desenvolvimento e sua construção como sujeito.

Nossa inserção na Escola Básica Municipal Frei Damião, sob a supervisão da Professora Andrea Serafim Wehmuth, se deu por meio de escolha, bem como da turma do 2º ano do Ensino Fundamental, do período matutino. Esta turma era composta por vinte e seis alunos com idades entre sete e dez anos, alguns nascidos na própria comunidade, outros vindos de algumas regiões de Santa Catarina, seja por intermédio de familiares que já moravam na comunidade, ou porque seus pais vieram em busca de melhores oportunidades. Encontramos alunos que estão em idade regular e alguns repetentes conforme consta homologado pela Portaria MEC nº 1.035, de 5 de outubro de 2018, publicada no Diário Oficial da União de 8 de outubro de 2018.

Ao chegarmos no 2º Ano, observamos que a professora organizava a sala colocando os alunos em “meia lua”, enquanto orientava sobre as regras que deveriam ser cumpridas ao longo do ano letivo. As regras acordadas foram:

[...] fazer uso de quatro cadernos; para quem não tiver lápis de cor, existe um pote comunitário que permanecerá em sua mesa todos os dias; meninas devem vir de cabelos amarrados; todos os alunos devem vir de tênis. Informou que estarão atualizando o calendário da sala, todos os dias. A professora vai explicando o que eles precisam fazer, recordando o que aprenderam no ano anterior e fazendo perguntas para que os alunos interajam (LODI, Diário de campo, p.1).

Conforme a prática da professora regente, em nosso segundo dia em campo, esta nos desafiou a fazer a primeira intervenção, após dividir a sua turma em três grandes grupos organizados em duplas, cada uma de nós (professora e as bolsistas), deveria auxiliar um determinado grupo numa espécie de competição. Uma das bolsistas

se valeu de uma estratégia sobre o que fazer com o tempo restante, os alunos sentiram-se provocados, conforme a seguir:

Meu grupo foi composto pelos alunos³²: M e E, S e C, M2 e K, L e H. Fomos o primeiro grupo a concluir as atividades, acredito que o grande incentivo foi “tempo livre”, o qual expliquei que poderiam pintar ou conversar com seus pares assim que terminassem, desde que fosse em tom de voz baixo para não atrapalhar os demais colegas que ainda terminavam suas atividades.(LODI, diário de campo, p. 15)

Imagem: Primeiro grupo a concluir atividades.³³



Fonte: as autoras.

32 Utilizamos a letra inicial do nome para preservar a identidade dos alunos

33 A escola possui autorização para uso da imagem dos alunos para fins de pesquisa.

Nesse grupo, todos os participantes concluíram suas tarefas. A proposta era realizar uma cópia do quadro, motivados pela expectativa de utilizarem o tempo restante após a atividade.

Quanto aos demais grupos, alguns alunos não concluíram a atividade. Mas vale aqui ressaltar que cada aluno tem seu tempo e é importante que o professor entenda e respeite essa singularidade. Em outro momento, pela manhã, no horário da Educação Física, “devido ao sol forte do horário final da manhã, a professora propôs a atividade de fazer bolinhas para preencher o nome escrito em uma folha de papel. Assim, escuto ao longe: “Chatoooo...” (JACQUES, diário de campo, p. 6). Nesse momento exercitamos o olhar sensível às especificidades de cada criança, frente às adversidades de um planejamento pedagógico. No decorrer da aula notamos a expectativa dos mesmos ao aguardar a aula de Educação Física, pois iriam fazer a atividade fora da sala de aula, motivo de grande euforia.

No momento da primeira situação vimos que mesmo dentro da sala de aula, com regras impostas e reconhecendo-os como atores sociais no processo de aprendizagem, se possibilitou aos alunos que organizassem seu tempo individualmente os impulsionando a concluir as atividades com mais dinamismo. Na segunda situação, haja vista, ser no mesmo ambiente, foi lhes imposto uma atividade com características restritas, não esboçando interesse visível, devido à expectativa que tinham para fazer as atividades ao ar livre. Observamos que durante as aulas, os alunos (re)organizavam o próprio tempo em meio às atividades, de modo que pudessem se relacionar entre eles, ou com brincadeiras (re)criadas na sua individualidade, apesar de uma cultura escolar estabelecida. Alguns pediam nossa ajuda para o entendimento do código alfabético para concluir as atividades propostas, outros se levantavam várias vezes de suas carteiras, circulavam pela sala, em busca de outras atividades, conforme apresentadas nas imagens abaixo:

Imagem: (Re)criando brincadeira.



Fonte: as autoras.

Imagem: Pedindo auxílio pedagógico.



Fonte: as autoras.

No horário do intervalo (recreio), com duração de quinze minutos as crianças construíam sua própria rotina, saíam da sala de aula, e após lancharem no refeitório, se dirigiam ao fundo da escola (re)inventando suas brincadeiras.

Em uma manhã, vimos uma grande poça feita pela chuva da noite anterior e algumas crianças pulavam e passavam por ela se molhando. Neste momento nos aproximamos e perguntamos do que estavam brincando, e nos responderam com a resposta óbvia: “Estamos pulando na poça!” falou M. Então pedimos permissão para tirarmos fotos, e eles disseram “sim” com semblante de aprovação. Outras crianças notaram que estávamos tirando foto e entraram na brincadeira. O número de crianças aumentou e notamos que se divertiam mais, criando obstáculos para passar pela poça até o outro lado, com o “jogo de corpos”. Um empurrava o outro para cair na poça e o amigo empurrado se equilibrava sobre a pedra para não cair na água. Todos que quiseram, fizeram parte da brincadeira e ali continuaram a brincar até sinalizar o final do intervalo, saindo dali com expressão de frustração por não continuar a brincar. Mostraram-nos que estavam com as calças e calçados molhados para comprovar que vivenciaram aquela experiência prazerosa do brincar livre.

Após essa experiência com as crianças, conversamos e vimos à importância do brincar livre, sem termos que “podar” a brincadeira deles, pois não estávamos lá como professores falando “que não deveriam estar ali, que aquela brincadeira estava errada e que não poderiam se molhar”, e sim como espectadoras da arte demonstrada por eles (do brincar livre). A roupa vai secar, e as brincadeiras acrescentarão experiências pessoais, coletivamente. Nesses momentos as crianças são protagonistas de suas histórias, (re)criam regras, compartilham e se (re)constituem como sujeitos em sua singularidade plena. Portanto, nessas atividades são produzidas pela cultura e ao mesmo tempo produzem cultura.

Imagem: Brincar livre - recreio 2019 (imagem 1)



Fonte: as autoras.

Imagem: Brincar livre - recreio 2019 (imagem 2)



Fonte: as autoras.

Segundo o artigo “,Brincadeiras de faz de conta, desafios às práticas docentes” escrito pelas autoras Müller, Freitas e Wiggers, no qual descrevem a análise de episódios interativos, há o seguinte registro:

[...] a brincadeira de faz de conta é o que torna o imaginário mais evidente, uma vez que a criança altera o significado dos objetos e dos eventos. Desse modo, o faz de conta conecta a fantasia às situações presentes no contexto social. A alteração de significados dos objetos e das atividades propicia à criança o desenvolvimento da função simbólica, ou seja, é “o elemento que garante a racionalidade ao ser humano. Ao brincar de faz de conta a criança está aprendendo a criar símbolos”. (MÜLLER, FREITAS, WIGGERS apud KISHIMOTO, 2015 p.200).

Na última semana que antecipava as férias, no horário do intervalo, ao visualizarmos as crianças, notamos a construção de um parque com balanços e gangorras recém adquirido no mesmo local onde brincavam nas poças. Contudo, refletimos que houve uma mediação na construção da área recreativa, possibilitando às crianças o brincar livre e ao mesmo tempo o seu exercício

Imagem: Parque infantil adquirido



Fonte: as autoras.

reflexivo/argumentativo na hora da (re)produção (re)criadora de suas regras.

Haja vista estas relações escolares, segundo Rego, para descrever a função da escola no desenvolvimento das crianças, Vygotsky diferenciou os conhecimentos construídos em dois conceitos, que chamou de conceitos cotidianos ou espontâneos e conceitos científicos.

Os conceitos cotidianos referem-se àqueles conceitos construídos a partir da observação, manipulação e vivência direta da criança. Por exemplo, a partir do seu dia a dia, a criança pode construir o conceito “gato”. Esta palavra resume e generaliza as características deste animal (não importa o tamanho, a raça, a cor, etc.) e o distingue de outra categoria tal como livro, estante, pássaro. Os conceitos científicos se relacionam àqueles eventos não diretamente acessíveis a observação ou ação imediata da criança: são os conhecimentos sistematizados, adquiridos nas interações escolarizadas (REGO, 2000, p.77).

Assim, vimos o quão importante é a observação e registro durante o processo de pesquisa proporcionado a nós pelo PIBID. Fizemos muitas observações e estivemos presente na rotina dos alunos com um olhar investigativo, atento aos seus gestos, seus modos de se relacionarem entre si, como turma e com os demais fora da sala de aula, porém mantivemos sempre nossos ouvidos atentos para os diálogos e sempre tiramos suas dúvidas quando nos solicitaram, sem querer intervir excessivamente em suas rotinas, mas estando presente com respeito e afetividade. Conforme,

[...] a documentação nasce da observação. E observar não é um ato neutro, que simplesmente espelha ou reproduz a realidade, mas é um ato interpretativo, que revela intenções, compreensões, valores, expectativas e representações do observador. Por isso requer

reflexão e discussão crítica. [...] o ato de observar não é um ato que mostra a realidade, mas um ato que a interpreta e que questiona a declaração das intenções e das expectativas de quem observa e, ao mesmo tempo, sua capacidade de submeter as observações – precisamente por sua evidente ausência de neutralidade – a uma reflexão e discussão crítica que possam incrementar seu sentido e valor compartilhado (OSTETTO apud FORTUNATI, 2015, p.206).

Naquele semestre, nossa pesquisa foi realizada com base na observação participativa descritiva e, vindo a somar por meio dessa interação aos projetos da turma. Tivemos a oportunidade de conhecer e conviver com 34 alunos do segundo ano, observando suas relações dentro e fora da sala de aula. Contudo, vimos que a escola tem um papel importante na formação do aluno, no momento em que propicia a eles oportunidade de interação, dando-lhes autonomia e tornando-as protagonistas de suas histórias.

Acreditamos que a vivência na escola, proporcionado pelo PIBID é de suma importância para o nosso processo de formação docente, pois adquirimos conhecimento e por meio das experiências a oportunidade de vivenciar em nosso dia a dia na escola o que até então apenas havíamos visto na teoria durante as aulas no curso de Pedagogia. Com base nos diversos autores e suas teorias estudadas durante o curso de licenciatura na Faculdade Municipal de Palhoça (FMP), percebemos o momento em que aconteceu as interações entre os sujeitos e o meio escolar, seja mediado ou não, a criança constrói a sua própria singularidade fazendo sua leitura de mundo possibilitando assim, que ele (re)conheça o seu papel como cidadão.

Art. 53. A criança e o adolescente tem direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho [...] (ECA, 1990).

Imagem: Toda criança tem direito à educação



Fonte: as autoras.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente, Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente de Palhoça*. Lei nº 8.069, de 13 julho de 1990. Palhoça, SC.

MÜLLER, Fernanda; FREITAS, Aline N.; WIGGERS, Ingridi D. *Brincadeiras de Faz de Conta - Desafios às Práticas Docentes*. Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 9, n. 16, p. 199-212, jan./jun. 2015. Disponível em: file:///C:/Users/user/Downloads/494-1632-1-PB%20(5).pdf. Acesso em: 03 set. 2019.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. *A prática do registro na educação infantil: narrativa, memória, autoria*. Revista @mbienteeducação, [S.l.], v. 8, n. 2, p. 202 - 213, jan. 2018. ISSN 1982-8632. Disponível em:

<http://publicacoes.unicid.edu.br/index.php/ambienteeducacao/article/view/526/498>. Acesso em: 01 set. 2019.

REGO, T.C. VYGOTSKY: *Uma perspectiva histórico-cultural da educação*. 10.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

5.4 PIBID NO FREI DAMIÃO: OS DESAFIOS DA VIVÊNCIA EM DOCÊNCIA

Adriely de Arruda Souza³⁴

O presente relato apresenta as contribuições do PIBID (Programa Institucional de Bolsistas de Iniciação a Docência) para o meu processo formação docente; em outros termos, reflexões acerca da minha atuação no Programa. As atividades foram desenvolvidas na Escola Básica Frei Damião, partindo de projetos de intervenção, no qual se buscou a abordagem de diversas temáticas de valores na busca de contribuir com ações integradoras no ambiente educativo para o bem estar cognitivo e social dos discentes, além de enfatizar a importância da participação no Programa, o qual tem auxiliado as bolsistas a refletirem sobre o fazer docente, bem como a contribuição com o ensino de qualidade.

Vivenciar a prática do professor e como se dá a aprendizagem dos alunos, torna-se, então, uma necessidade ímpar para que se possa ao menos minimizar as dificuldades enfrentadas nos anos iniciais da docência. Dessa forma, a inserção de projetos educacionais no interior das escolas públicas agiliza o ambiente de ensino-aprendizagem e torna possível uma maior interação do aprendiz com a realidade da Educação básica.

Inicialmente é feito o acompanhamento semanal por meio de nossa coordenadora, a Professora Dra. Juliane Odino, a professora-supervisora, Andréia Serafim Wehmuth e as bolsistas em suas primeiras experiências com o ensino, que em sua formação

34 Bolsista PIBID/Capes/FMP. Aluna de pedagogia na FMP. Contato: adrielly.souza@aluno.fmpsc.edu.br

inicial já se encontram em sala de aula por meio deste projeto. Preocupados, então, com a qualidade profissional, o que em maior ou menor grau, acaba por se refletir na eficácia do ensino que se tem atualmente e, conseqüentemente, com a situação real da educação básica pública, surgiu o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Esse, busca promover a interação entre o Ensino Superior e a Educação Básica, nos ambientes de ensino-aprendizagem.

Nossa primeira atividade consistiu na observação criteriosa, realizada pelos bolsistas, no ambiente da escola participante do projeto, no que diz respeito ao próprio espaço físico da escola, número de alunos por sala, material didático disponível e o entorno da escola, com o objetivo de conhecermos e nos inteirarmos das rotinas da sala de aula. Confesso que, a princípio, surgiu uma certa insegurança, que em pouco tempo foi sanada durante as reuniões e planejamentos desenvolvidos pela equipe.

Seguindo nossa trajetória, iniciamos a aplicação das atividades criadas em coparticipação com o planejamento do professor da turma, também pensadas em conjunto com as supervisoras e coordenadora institucional. Nós, as bolsistas, gradativamente nos tornamos protagonistas e não apenas observadoras, interagindo e dialogando com a professora de sala, a supervisora e com os alunos. Desenvolvemos atividades diversificadas, tais como: estudos da fonética, gramática, oralidade, leitura e produção textual (oral ou escrita). A partir das demandas levantadas, também levamos materiais que englobam os noticiários, receitas, história em quadrinhos, poemas, carta, bilhete, música, discussão sobre temas transversais, tais como: cultura, diversidade e cidadania. Após as primeiras aulas já sentimos o carinho e a confiança das crianças. Houve elogios aos bolsistas e isto nos deixou felizes. Os alunos perguntaram: “E as professoras do PIBID, vão vir hoje?”. A cada aula uma surpresa, motivação, aprendizado, entusiasmo, conquista, confiança e superação. Concordamos com

Lima (2009) quando esse menciona que:

[...] abra sua sala para estagiários que possam ajudá-lo. Lembre-se de que as faculdades de letras estão em busca de espaço para alunos estagiarem. Sua escola pode desenvolver projetos com a(s) faculdade(s), envolvendo os estagiários em ações pedagógicas dentro e fora de aula que promovam a autonomia dos alunos no ensino básico. (LIMA 2009, p.37).

Assim, reafirmo e defendo essa opinião, pois sabemos que muitos professores ainda relutam a abrir as portas das salas de aulas aos iniciantes, do contrário, quem reflete e revê conceitos, toma essa atitude e se diz renovado.

Ao ingressar e fazer parte do PIBID me vi diante do papel de uma professora aprendiz, em sua carreira inicial, aprimorando-a; mas, também, o projeto me fez refletir em relação ao meu papel de aluna dos anos iniciais. Levando em consideração estas perspectivas, os primeiros passos vieram para aperfeiçoar ainda mais meu papel de professora reflexiva. Me fez repensar sobre o processo de ensino/aprendizagem, como também inserir nas aulas as minhas práticas pedagógicas. A experiência no PIBID, notoriamente, busca incentivar e estimular os futuros professores que optam pela licenciatura, para que a partir das teorias apresentadas ao longo do curso de licenciatura haja uma melhor aproximação com a realidade vivida em sala de aula.

Além disso, o projeto busca não somente a melhor formação desse professor, mas também uma contribuição aos alunos das escolas contempladas com este projeto. O PIBID, para mim, ofereceu a oportunidade de nos inserirmos ainda na condição de alunos (futuros docentes) em uma real situação de ensino e prática docente, e o que nos tem propiciado é a verificação das principais dificuldades enfrentadas por um professor do referido ensino público. Fazer parte deste projeto me instiga a acrescentar ainda

mais meus sonhos de forma qualificada e profissional no meu contínuo e permanente processo de ensino/aprendizagem.

Finalizo reafirmando que é de tamanha importância o PIBID e sua real necessidade em atenção e sintonia aos complexos desafios da escola pública. Esperamos que em um futuro breve esse projeto possa abrir espaços para todos os licenciandos e que assuma o papel de pré-requisito na formação do futuro professor. Agradeço a escola do Frei Damião que me acolheu. Também a FMP pela iniciativa do projeto e a Capes pelo apoio financeiro, sem o qual ele seria inviabilizado.

6. O PIBID NO “TEREZINHA”: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DAS ESTUDANTES BOLSISTAS DE PEDAGOGIA DA FMP

A seguir serão apresentados os relatos de experiências de algumas bolsistas do PIBID no Grupo Escolar Terezinha Maria Espíndola Martins. A produção da escrita buscou envolver seus múltiplos aspectos e, em particular, contou com o apoio da supervisora e das professoras regentes. Será iniciado pela apresentação da escola. Na sequência, os leitores encontrarão os relatos das bolsistas sobre suas vivências.

O Grupo Escolar Terezinha Maria Espíndola Martins está localizado à Rua João Guilherme dos Santos, 30 no bairro Rio Grande. São atendidos 374 alunos nesta Unidade Escolar, organizados em quatorze turmas de 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental I, nos períodos matutino e vespertino. Os alunos, em sua maioria, são oriundos de famílias de baixa renda, que enfrentam sérios problemas de estrutura familiar e socioeconômica.

No ano de 2015, a escola se tornou um núcleo de alfabetização da rede municipal de educação, atendendo alunos de 1º ao 3º ano do ensino fundamental I. A Instituição é composta por sete salas de aula, uma sala de professores mediana para a quantidade de funcionários, uma secretaria, uma sala de direção, uma sala de orientação, uma sala de reforço escolar, uma cozinha com depósito para a merenda, um depósito para material de limpeza, uma área coberta que é utilizada para servir a merenda, um banheiro para funcionários e dois banheiros para alunos: feminino e masculino. A escola não possui biblioteca e nem quadra de esporte para as aulas de educação física. As aulas práticas da mesma acontecem no pátio da

escola, uma área inadequada para as aulas, pois fica ao lado das salas de aula, trazendo sérios problemas ao trabalho desenvolvido nas mesmas devido ao barulho. O pátio foi reduzido em 2006, após a construção do posto de saúde na comunidade, sendo coberto e com piso composto por pedra brita, cercado com muros e portões fechados. A partir da redução, a escola ficou sem condições de reunir os alunos atendidos em um mesmo horário, pois o pátio não comporta a todos. Quando chove, o acúmulo de água é imediato. Em relação aos problemas de estrutura física da escola, só serão resolvidos com a construção de uma nova Unidade Escolar, visto que a atual já não suporta o número de alunos que possui.

O bairro Rio Grande está em desenvolvimento. Atualmente, as crianças atendidas pela comunidade escolar são compostas por uma variedade de habitantes vindos de vários lugares, principalmente dos bairros vizinhos. Segundo os dados de documentos de matrículas dos alunos da escola, grande parte dos moradores do bairro pertence a uma classe socioeconômica baixa.

A inclusão da criança como ser social se dá através do dia a dia, de forma continuada. As crianças diferenciam-se entre si, o que não é de se surpreender, visto que, educar, é confrontar-se com esta diversidade. A educação inclusiva deve promover a convivência construtiva dos alunos, preservando a aprendizagem comum, sem desconsiderar as especificidades dos alunos portadores de necessidades especiais. As crianças são diferentes entre si, cada criança é única em sua forma de pensar e aprender. O ensino deve contemplar as crianças em suas distintas capacidades. Segundo SACI (2005, p. 21), a base da Educação Inclusiva é considerar a deficiência de uma criança como mais uma das muitas características diferentes que os alunos podem ter. E, sendo assim, respeitar essa diferença e encontrar formas adequadas para proporcionar o conhecimento e avaliar o aproveitamento de cada aluno.

São vários estudos que vêm demonstrado o quanto a educação inclusiva beneficia o aluno, ao ajudar a construir uma

sociedade que respeita as diferenças, ajudando na autoestima dos alunos e reduzindo a taxa de repetência escolar.

Após ter uma noção mais concreta deste espaço, adentrem conosco nas riquezas das experiências e desafios vivenciados pelas estudantes de Pedagogia nos desafios cotidianos inerentes à experiência docente, nos Anos Iniciais.

6.1 CAMINHANDO NA VIVÊNCIA DO PERCURSO ESCOLAR ONTEM COMO ALUNA E HOJE COMO “PIBIDIANA”

Ser criança é brincar, não é trabalhar.
Ser criança é aprender, não é sofrer.
Ser criança é pular, não é suportar.
Ser criança é desenhar, não é cansar.
Precisamos nos unir e certas coisas proibir
Vida de criança: para respeitar e valorizar.
(BellinghausFen, 2007)

Rafaela Steinbach³⁵

Ao adentrar a escola pensei em como o olhar da criança é diferenciado do adulto, até mesmo por conta da noção de espaço, pois foi notório a sensação de espaço reduzido. A troca de certos espaços foi relevante para a reflexão de como era a organização do dia a dia, há anos. Anteriormente, meu olhar era apenas voltado para o brincar, aprender e saber lidar com o bullying sofrido por usar óculos e ter um diferencial na pronúncia da letra R. Hoje vejo todo o meio escolar se movimentando para que certas coisas que parecem simples do cotidiano se realizem.

Assim que pus os pés no chão daquela sala, foi como retornar ao passado e me ver no primeiro ano, a sensação de nervosismo com um misto de emoções tomou conta de minha pessoa. Apesar de

35 Bolsista PIBID/Capes/FMP. Aluna de pedagogia na FMP. Contato: rafaella.steinbach@aluno.fmpsc.edu.br

estar em momentos diferenciados; ontem, como aluna, e hoje como PIBIDiana. Os sentimentos e a rotina escolar eram os mesmos. Mas assim como no passado, na hora do recreio um acontecimento uniu a todos: a hora do brincar. A cada pular de corda, a cada encorajar o colega que conseguiria passar por aquele obstáculo a qual tinha dificuldades, um laço se iniciava com aquele meio!

Lembro-me de como ficava maravilhada de ter um grande espaço para correr e como fiquei chateada quando fizeram um muro dividindo o ambiente escolar com o futuro terreno do posto de saúde que, às vezes, era aberto para eventos ou para nos divertirmos. Ah, e o gosto da merenda de bolo de laranja ainda permanece como uma das melhores lembranças daquele lugar. Sem contar dos “tombos” recorrentes por correr e explorar todo aquele ambiente escolar.

A sala dos professores sempre foi um lugar que me deixava maravilhada, a ponto de querer pertencer àquele ambiente um dia; por isso vivia querendo achar brechas para conversar com os professores e admirar aqueles valiosos minutos, naquele meio, com profissionais que quando em frente ao quadro dão um excelente show de aprendizagem. Hoje, me vendo frequentando este lugar, considero de extremo valor, pois um dos meus sonhos se realizou! Antes as salas mais altas não possuíam rampas de acesso, um detalhe no qual me trouxe a refletir sobre a importância da inclusão de todos. Quando rememoro este assunto, apenas lembro-me de Natália, uma menina alta de cabelos curtos e pele clara, que estudava comigo na segunda série. Eu sabia que ela tinha um jeito um pouco diferente, porém considerava mais importante ajudá-la a passar de ano. Brincávamos muito durante o recreio. Quando chegou ao final daquele ano letivo ganhamos uma caneta de lembrança da professora. Para comemorarmos nossa passagem de ano riscamos umas às outras, tamanha alegria. Tal felicidade porém, não contagiou sua mãe ao vê-la toda manchada de tinta de caneta, após tentarmos tirar da pele.

Quando estou em sala e vejo as crianças realizando atividades e participando da aula lembro-me da minha professora do pré-escolar, Izabel, e do primeiro ano Margarete, que ao entrarem na sala se entregavam e davam seu melhor para um excelente ano letivo, de muito aprendizado, e um olhar sensível à criança, dando voz a ela. Também tinha o professor Ronaldo de Educação Física da primeira série, que com todo seu amor e paciência na festa junina da escola, numa apresentação da turma, nos auxiliou para darmos um show e mostrar que apesar de muitos o julgarem por sua opção sexual, seu potencial demonstrava o quão valiosas eram suas aulas e sua pessoa.

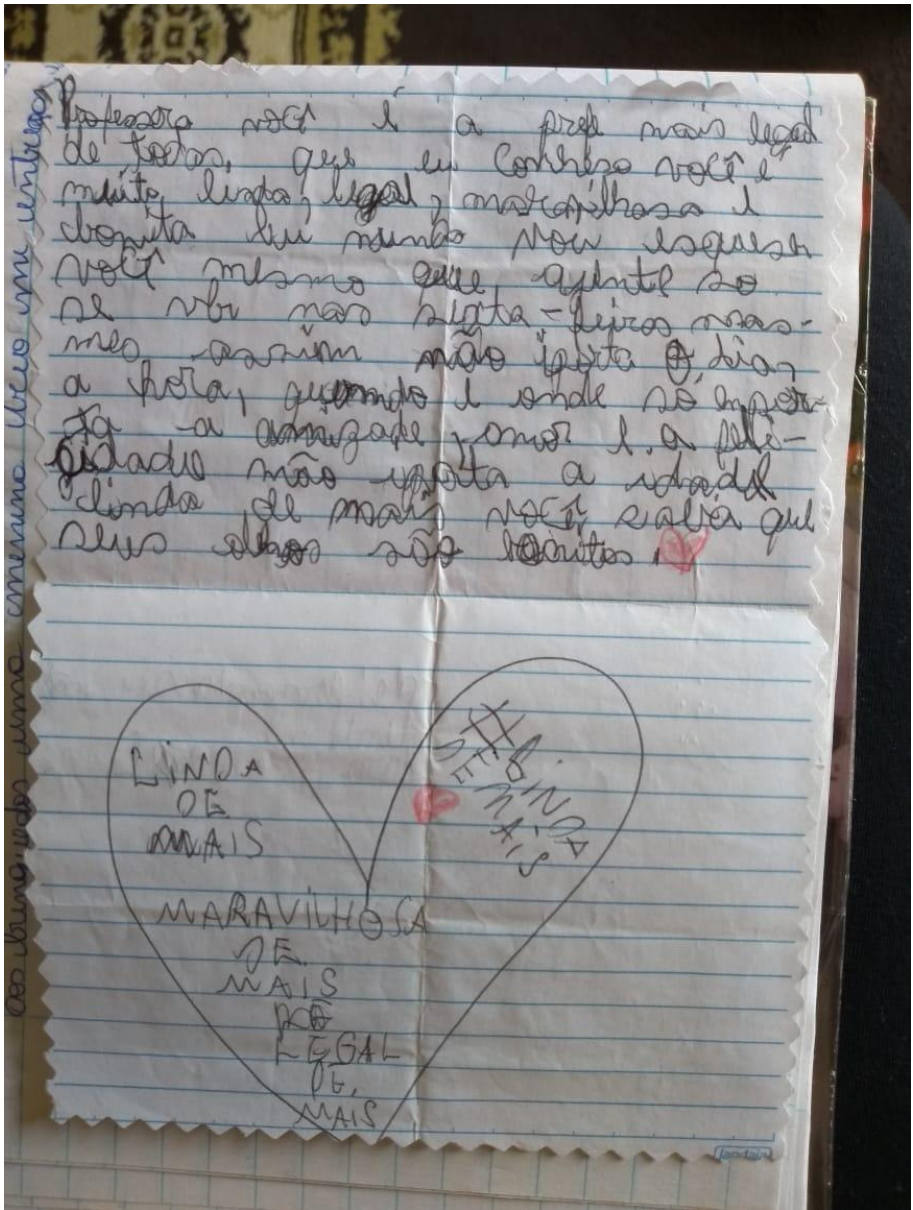
Lembro-me de momentos marcantes, dentre eles, na segunda série, quando meus pais, pela primeira vez, vieram me buscar juntos numa linda tarde de verão, pois foi a primeira e única vez do acontecido, em razão do meu pai ter se acidentado e estar em licença médica em casa. Outro momento ocorreu no mesmo ano, quando no início de uma aula, uma colega da sala apareceu chorando e entre o escorrer de uma lágrima e outra, contou baixinho à professora que seus pais haviam se separado. Ao sentar-se na cadeira, a professora a acolheu em seu colo, entrelaçou seus braços na menina e dedicou alguns minutos de sua aula para aquele precioso momento.

Essas e outras recordações ficaram tão presentes em minhas memórias, que me auxiliam no dia a dia para a construção da minha identidade, tanto pessoal quanto profissional, contendo o diferencial do olhar sensível e detalhado, tornando pequenos momentos em grandiosos. Pequenos gestos tornam-se grandiosos quando feitos com amor!

REFERÊNCIAS

BELLINGHAUSEN, Ingrid Biesemeyer. Vida de Criança. São Paulo: DCL, 2007

Imagem: Toda criança tem direito à educação



Fonte: a autora.

6.2 A APROXIMAÇÃO COM AS CRIANÇAS: ENTRE TROCAS, AFETOS E IMAGINAÇÃO

Tainara Pertille dos Santos³⁶

A experiência de estar dentro de uma instituição de Ensino Fundamental, pela primeira vez, me fez sentir que ali era um ambiente humanizado e acolhedor. Por ser uma escola pequena, logo imaginei que todas as pessoas que ali trabalham sabiam pelo menos um pouquinho de cada criança e o nome de cada uma. Ao longo dos dias, neste espaço, pude constatar o que havia sentido na primeira impressão. No primeiro semestre de 2018 fiquei dividindo minhas vivências daquele lugar junto a outra colega bolsista. Então, assim, fui formando uma dupla naquele momento. Dividimos assuntos sobre as crianças, sobre o que achávamos de tal situação, foi realmente uma troca de saberes. Ao longo das observações nos tornamos um trio.

Sempre fomos muito acolhidas pelos funcionários da instituição e pelas crianças. Nos dias ali presente, ganhava algumas lembranças das crianças: flores, cartas, desenhos e até mesmo balas. Vinham bem quietinhos ao meu lado, pegavam na minha mão e entregavam balas. Tudo isto feito em forma de “suspense”! A regra eles já haviam aprendido: não se pode comer bala aqui dentro. Tais comportamentos, me faziam lembrar que

[...] quando iniciei minha pesquisa não existiam modelos definidos

36 Bolsista PIBID/Capes/FMP. Aluna de pedagogia na FMP.
Contato:tainara.santos@aluno.fmpsc.edu.br

para se seguir (...) maneira para tornar-me parte dos universos das crianças era “não agir como um adulto típico” (CORSARO, 2005 p.446).

Eu sentia nesse momento que as crianças confiavam em mim, que era uma figura que não lhes daria um “sermão,” caso eu os pegassem comendo uma bala ou um chiclete. Até hoje, no final dessa trajetória do PIBID, guardo dentro de uma caixinha todas aquelas cartinhas e desenhos que recebi durante esse tempo de convivência com eles. Mesmo que fosse uma vez na semana. Sentia que as crianças tinham carinho por mim, me abraçavam quando eu chegava, na hora do intervalo e principalmente na hora de eu ir embora. A pergunta que sempre vinha à tona: “quando que eu iria voltar?”.

Durante o segundo semestre de 2018, tempo em que estive observando as crianças, fiquei em uma sala do 2º ano do Ensino Fundamental, no período vespertino. Nele havia duas professoras: a regente e a professora de Educação Especial. Havia na classe o total de 28 crianças, todas entre a idade de 8 e 9 anos. Essa foi a turma que mais me fez sentir acolhida, a qual mais recebia as cartinhas e carinhos, eram todos bem companheiros um dos outros.

Foi nessa turma que tive a primeira experiência de trazer uma proposta de intervenção, junto com duas colegas que formavam o trio comigo. Me sentia nervosa e um pouco despreparada para aquele momento. O nome da proposta foi “Sexta Literária”. Esse nome foi dado, porque nesse período íamos toda sexta-feira na escola. Em umas das reuniões de planejamento e formação do PIBID, na FMP, nos foi proposto que contássemos uma história para as crianças. Pesquisamos vários livros na biblioteca que se encaixassem com o que tínhamos em mente para produzir. Encontramos o livro “Era uma vez, era uma vez, era uma vez...” de literatura infantil do autor Marcio Cavalcante, um livro que não tinha começo, meio e nem fim, um livro cheio de dúvidas. A

intenção era contar a história e incentivar os alunos a darem uma continuidade e assim avivar a imaginação. Ao longo do caminho, a proposta foi tomando um rumo diferente do que estávamos pensando inicialmente, nesse momento me senti nervosa sem saber muito o que realizar. Foi nesse instante que me senti aliviada por ter ao lado mais duas companheiras e assim conseguimos contornar toda a situação.

Outra proposta que participamos nesse mesmo período foi a festa dos dias das crianças. Neste dia, no pátio da instituição, haviam vários brinquedos, tais como touro mecânico, escorregador, cama elástica e piscina de bolinhas e sorrisos das crianças. Foi notável o empenho da instituição com a organização e a alimentação, em fazer naquele dia um momento especial para as crianças.

Durante esse dia fiquei assessorando alguns brinquedos e sempre observando as interações das crianças que estavam eufóricas e aproveitando cada momento. Participei também de um evento organizado pela escola para os alunos e familiares; era a “feira literária,” realizada no sábado no período matutino. A coordenação da escola e professores levaram uma proposta muito legal para ser trabalhada. Neles constavam os personagens da turma da Mônica. A partir daí cada turma elaborou suas atividades, com base em um dos personagens da turma. A turma que eu estava era da personagem *Magali*³⁷. Em razão de tal personagem ser conhecida como “comilona”, a professora, com a ajuda dos alunos, optou pelo tema “alimentação saudável”. Nesse dia me senti um pouco incomodada, pelo fato de poucos pais terem levado seus filhos no evento da escola.

No primeiro semestre de 2019 me senti um pouco assustada, num novo ano e nova turma. As duplas foram trocadas e acabei

37 Magali é uma personagem fictícia das histórias em quadrinhos da Turma da Mônica. Maurício de Sousa se baseou na sua filha Magali para criar a personagem. Desde janeiro de 1989, Magali tem sua própria revista em quadrinhos, onde aparecem também histórias de seu gato de estimação, chamado de Mingau.

ficando sozinha na turma de 3º ano. Nela constavam 28 crianças, na faixa etária de 9 e 10 anos. Nos primeiros meses do ano letivo, a professora da turma se afastou e uma nova professora veio substituí-la. Com a chegada da nova professora os alunos tiveram uma grande mudança no comportamento: ficaram mais agitados, não respeitavam tanto as regras como antes etc. Durante três meses eles permaneceram com este comportamento. Houve a mudança de professor na turma. O professor que assumiu já era conhecido das crianças, por ter ministrado aulas no ano anterior e assim elas melhoraram seus comportamentos em sala.

Nos foi lançado, durante o período na instituição, um desafio: criar uma atração para a Festa da Família, atração pertencente ao calendário da escola. Inicialmente foi um desafio, porque ninguém sabia o que propor a eles em pouco tempo. E nós precisávamos nos organizar rapidamente.

Assim, nos veio a ideia de criar um teatro de fantoche com EVA. A ideia era contar a história da “Menina bonita do laço de fita”, da autora Ana Maria Machado. Ficamos durante duas semanas preparando todo o material, que foi criado como cenário aos bonecos.

O evento ocorreu em um sábado matutino. Chegamos na instituição bem cedo para preparar tudo. Quando finalmente estávamos prontas abrimos a sala para os convidados entrarem. Foi entrando um, dois, três... quando percebemos a sala estava lotada de adultos e crianças. No início ficamos um pouco preocupadas, pois não imaginávamos que seriam tantas pessoas. Apresentamos umas três vezes e sempre ao final recebemos aplausos e elogios. Queriam “bater” foto dos bonecos do livro. Foi a melhor experiência que tive! Estavam todos felizes. Passamos por algumas dificuldades até o momento final, mas tudo isso contribuiu para a nossa formação docente.

Essa oportunidade de vivenciar tudo que descrevi nesse relato me fez pensar o quanto as crianças devem ser o foco de nossa

atuação. Poder ter uma visão de qual profissional quero me tornar. Ou seja, aquele que olha de verdade para as crianças! Foi muito gratificante ter feito parte dessa história e de alguma maneira, mesmo por pouco tempo, poder ter contribuído nos projetos da instituição e no cotidiano das crianças ali presentes.

REFERÊNCIAS

CORSARO, Willian A. *Entrada no Campo, Aceitação e Natureza da Participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas*. Campinas, 2005.

6.3 A LIBERDADE QUE A LITERATURA NOS PROPORCIONA

Yohana Guedes Soares³⁸

Lembro-me do primeiro contato que eu tive com um livro, na sétima série do ensino fundamental, quando nossa professora de língua portuguesa, Andrea,³⁹ distribuiu livros para cada um da turma e nos deu duas semanas para lê-lo e socializá-lo (quem tinha livros em casa poderia ler o que tivesse, quem não tinha, teria que ler os que ela oferecia). Logo revirei os olhos, algo que eu faço até hoje quando acontece algo que não gosto e penso: Lá vem ela nos empurrar livros goela abaixo.

Os dias foram passando, sem ter ao menos tocado no livro que ela me deu para ler. Quando faltava um dia para a apresentação eu ainda estava sofrendo com a ideia de “engolir o livro”, pois tinha um respeito enorme por essa professora. Às vezes eu a achava tão brava, que me dava medo; então eu não podia pensar na ideia de desafiá-la e ela ficar furiosa comigo na frente de todos!

No anoitecer, peguei o livro nas mãos. Fui lendo, lendo, quando percebi, para a minha surpresa, estava na metade do livro, querendo saber o que aconteceria com o casal da história. Tratava-se de uma história envolvente, de uma história de amor e paixão, não me recordo do título do livro, nem do autor e muito menos seus parágrafos, mas lembro perfeitamente de como me “prende”.

No dia da socialização meu coração queria pular do peito e sair pela boca. Embora a gente cresça, tem coisas que nunca mudam.

38 Bolsista PIBID/Capes/FMP. Aluna de pedagogia na FMP.

Contato:yohana.soares@aluno.fmpsc.edu.br

39 Nome fictício para preservar a identidade.

O livro que a Andrea me emprestou abriu uma porta para que eu deixasse a literatura entrar na minha vida, mas foi quando meu amigo apresentou o livro “A menina que roubava livros”, do autor Markus Zusak, meus olhos brilharam ao ouvir a frase que ele citou: “ele lhe dera as melhores páginas da sua vida”. Pensei, “eu preciso ler esse livro”! Tentei ler duas vezes e achava a leitura difícil, pegava sempre o livro emprestado com esse amigo, pois meus pais não tinham condições de comprar. Quando fui para o Ensino Médio, descobri a Biblioteca Municipal de Palhoça. Eu ia para aula torcendo que algum professor faltasse para poder sair mais cedo e correr para a biblioteca. Ficar lá, no meio dos livros, sentindo aquele cheiro que só o livro tem, parecendo uma rata de biblioteca.

Desisti da menina que roubava livros, mas tive interesse por outros livros. Li muitos romances e ficções. Eu e os livros. Porém, quando tive meu primeiro relacionamento que imaginava ser “amoroso”, ele na verdade me roubou tudo isso... Vivendo no mundo dele, somente para ele, não podia pegar sequer num livro... A porta da literatura havia se fechado. Eu estava presa numa gaiola. Até que um dia me libertei de tudo o que passei. Me dei conta de que se tratava de um relacionamento abusivo, meu mundo virou com a desilusão, quando não era a vodca que me consolava, eram os livros, os meus livros, que eu guardava a sete chaves dentro do meu guarda roupa, como meu tesouro. Ah! Depois de muito tempo me desafiei e puxei “A Menina que Roubava Livros”. Só que dessa vez, da minha estante, e quero lhes dizer: Ela me dera as melhores páginas de minha vida!

Quando entrei no curso de Pedagogia, pensei: eu só posso estar ficando “louca”, isso não é para mim. Foi através do curso e dos mestres que me conheci, que me espelhei, me reencontrei e me transformei. Agarrei a primeira oportunidade que tive quando abriu o processo para bolsista no PIBID, o qual me possibilitou o contato com o chão da escola, através de um novo olhar, totalmente diferente da menina do Ensino Fundamental, que adorava “causar” e

estar na sala da coordenação toda semana.

Escolhi realizar a iniciação à docência no Grupo Escolar Terezinha Maria Espíndola Martins, que fica próximo ao meu bairro. Minha primeira intervenção foi numa turma do segundo ano, a qual estava acompanhando no semestre de 2018/2. Como o livro sempre foi meu refúgio: Por que não proporcionar às crianças um encontro com os livros, o uso da imaginação, por meio da contação de histórias? Propus uma intervenção junto às crianças, na qual teriam que contar uma história e a outra dar continuidade e assim sucessivamente, para criarmos um livro.

Contudo, percebi que embora as crianças levassem livros para casa e ficassem uma semana com ele, elas não o aproveitavam. O que fazem quando chegam em casa? Bom, não sei. Talvez algumas até leem, outras talvez deixam-no guardado na mochila e só o tocam no dia da Troca do Livro⁴⁰, assim como eu fiz na sétima série, na época em que eu era a aluna. Ao sentir a falta da imaginação das crianças, presas às suas realidades, sem perceberem o tesouro que têm em mãos, senti a necessidade de propor mais contações de histórias. Uma forma de demonstrar para elas que a literatura nos leva a lugares que nem um avião seria capaz de levar, que nos faz sentir tantas emoções ao mesmo tempo, que nem um grande amor seria capaz de fazer sentir. Como diz George R. R. Martin: Um leitor vive mil vidas antes de morrer, o homem que nunca lê vive apenas uma.

Assim, no evento da família do semestre de 2019/1 produzimos uma contação de história para as crianças e seus familiares. Todas nós, bolsistas do Grupo Escolar Terezinha Maria Espíndola Martins, construímos um cenário e os personagens em fantoche. Como de costume, meu coração quase saiu pela boca,

40 Projeto leitor viajante, a orientadora educacional vai até as salas de aula com uma cesta de livros da instituição, advindos do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNDE), para as crianças fazerem a troca semanalmente.

tendo que narrar toda a história do livro. Fiquei simplesmente maravilhada ao ouvir as pessoas na porta perguntando “quando iríamos abrir a porta da sala” para a contação novamente. Houve uma preocupação em produzir cada detalhe dos fantoches, feitos com muito cuidado e dedicação. A correria da organização da sala, a busca por efeitos sonoros no youtube, para que tudo ficasse acolhedor e atraente. Ao ouvir atrás do cenário⁴¹ produzido, o som de surpresa nas vozes deles, as gargalhadas ao ouvirem nossos efeitos sonoros produzidos através do celular, foi simplesmente maravilhoso. É encantador proporcionar algo que eu acredito estar distante da realidade de cada um ali presente, o encantamento ao se ouvir uma história. Se eu pudesse faria isso para sempre.

Hoje, ao pisar na sala de aula, apesar de todos os desafios da profissão docente, em suas inúmeras demandas, o professor não pode se esquecer que umas das coisas mais importantes é o contato da criança com o livro. A literatura nos proporciona enriquecimento intelectual e cultural. Nos desenvolve o senso crítico e nos oportuniza novas experiências através da fantasia e da imaginação.

Algumas crianças só ficam interessadas quando você lhes proporciona isso de forma atrativa. Elas se espelham no que você faz e sentem a necessidade ou até mesmo a curiosidade de pegar um livro para ler ou folhear, fazendo da leitura algo prazeroso e não obrigatório se mostramos a elas que há algo de especial na leitura. Muitas vezes nós estamos tão ligados no tic tac do relógio que esquecemos de tirar um pouco do nosso tempo para proporcionar um mundo novo para criança, por meio da leitura. Posso estar sonhando? Talvez! Mas é um sonho tão bonito de se viver.

41 Organizamos a sala com o cenário e TNT. Nós bolsistas ficamos na parte de trás narrando e as crianças e seus familiares iam adentrando enquanto, outras ficavam aguardando do lado de fora para o próximo horário.

7. SOBRE O PROCESSO DE ESCRITA

Débora Ouriques⁴²

Escrever é uma das tarefas mais importantes a ser desenvolvida com os alunos. Um exercício difícil, já que não basta registrar as palavras num papel: é preciso dar sentido às letras, compreendê-las, relacioná-las com outras, para assim, dar ao leitor a oportunidade de abstrair o que lhe parecer mais relevante.

Ora, escrever implica em ler. E ler é ultrapassar a decifração das letras; é oportunizar ao outro o poder da liberdade. A liberdade de pensar, criar, imaginar e se reinventar.

Tais afirmativas tornam-se mais consistentes quando a ouvimos de pesquisadores do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência –PIBID- Programa que em sua essência versa para o envolvimento entre o ensino superior e a educação básica, em ambientes presenciais de ensino-aprendizagem - já que esses, no papel duplo de protagonistas e escritores precisam relatar suas experiências.

É oportunidade recente o atual programa na Faculdade Municipal de Palhoça -SC. Trata-se de um trabalho que consiste numa observação criteriosa, que implica em textos pontuais. Nesse sentido, quando fui convidada a auxiliar os alunos pesquisadores na construção escrita de seus relatos em campo, tomei o cuidado em não me inclinar totalmente para a forma culta da língua portuguesa, sem ignorá-las, obviamente, ou fazer intervenções que alterassem o uso de expressões, adjetivos e outros termos por eles escolhidos em

42 Professora da Faculdade Municipal de Palhoça- SC. Contato: debora.ouriques@fmpsc.edu.br.

seus registros. Lembrei-me, na ocasião, da perspectiva sociocultural: o contato com a realidade do espaço pesquisado e as pessoas deve se manter fiel.

Então, se o que vale é reunir o maior número de “vestígios” do processo vivido e registrá-los, pensando como profissional de letras, com aporte nos gêneros literários, apostei (em acorde com os envolvidos) na confecção de Relatos de Experiências .

Houve suspiros por parte dos acadêmicos! Ah, a insegurança, ela surgiu. Mas também nos conduz a tentar. Tentar outros caminhos e relatos. Contudo, assim que receberam indicações relativas à construção do gênero, aceitaram o desafio em tecê-lo. É notório que há um desejo implícito entre os pares e ímpares, de forma dinâmica e ampla, para o Programa dar certo. Ainda há muito o que se fazer, estão em construção, em processo de experiências, e isto é ótimo!! Significa estar atento às mudanças, ao fazer e refazer. Ao pensar. E não seria esse o papel do pesquisador?

Quanto a mim, refleti: Ah.... o doce Relato de Experiência! Aquele que se apresenta por vezes tortuoso, outras vezes moldado, construído, e... talvez... aberto a outras experiências, a partir da reunião de lembranças e documentos relativos à formação e ao trabalho realizado, num constante ímpeto de aprender, constantemente.

Assim, referente à minha breve experiência de trabalho com o PIBID, digo que não se trata de acrescentá-lo apenas, como Relato de Experiência como reconhecimento acadêmico. A experiência transborda além de tais páginas, qual seja, corresponde à vida vivida, a práticas de escrita. Eu, profissional da escrita, auxiliando outros em suas escritas. Envolvida totalmente em um ambiente de formação. Eu, leitora, escritora, estudante, aprendiz, refletindo, por meio da escrita, a ampliar minha leitura do mundo, de como ser, de como vir-a-ser... sempre.

